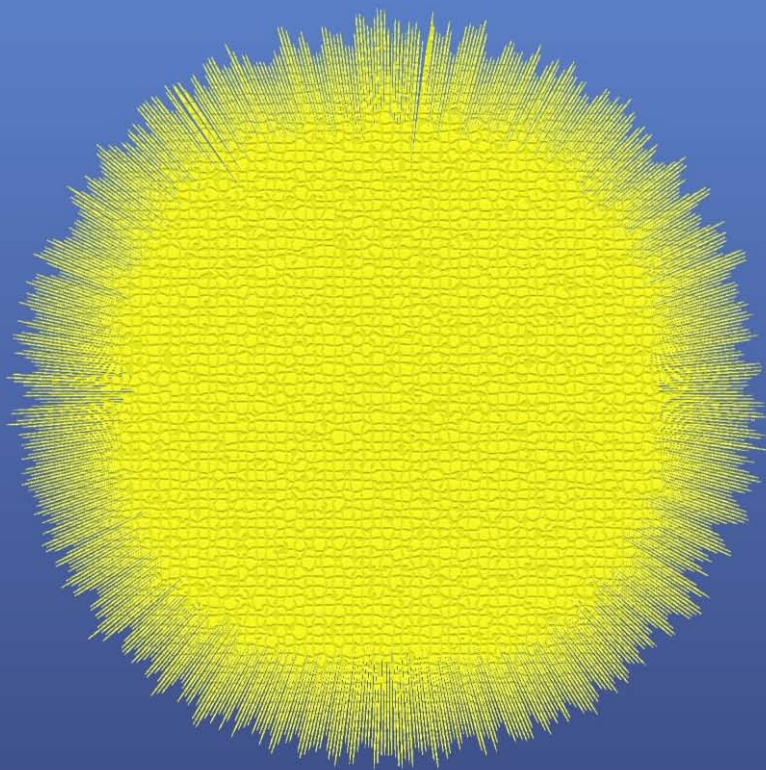


CONTOS INÉDITOS



| NELSON COELHO |

Contos Inéditos

Nelson Coelho

www.nelsoncoeholiteratura.com.br

Digitação: Nanci Ferraz Steinstraesser

Revisão, diagramação e capa: João Guilherme Caldas Steinstraesser

Índice

<i>CASAMENTO COM ADULTÉRIO PERMITIDO</i>	5
ALEGRIA	11
AZUL.....	16
UM HERÓI	17
UM GRANDE ESCRITOR.....	24
DOENTE DE TEMPO	30
UMA PERGUNTA.....	34
CUIDADO COM O ROXO	41
A DESGRAÇA DE DONA CARMEM.....	42
O PRÍNCIPE	47
EU SOU LUZ	49
OS OUTROS	52
MEU PRIMEIRO LEOPARDO.....	55
TRABALHO ESCRAVO	58
SEMPRE EM FRENTE	65
O CAMINHO DO SONHO	69
COISA	73

Os contos de Nelson Coelho sempre tiveram destaque positivo por parte da nossa melhor crítica literária. Juntamente com os de Clarice Lispector, Lygia Fagundes Teles, Dalton Trevisan...

CASAMENTO COM ADULTÉRIO PERMITIDO

Era uma vez uma Rainha, mãe de uma Princesa muito bela que estava na idade de casar. A Princesa, ah, no mundo não havia coisa mais bonita que ela e todos os jovens pensavam diante da Princesa: se eu viver cem anos, jamais verei outra beleza tão divina sob o sol. Sim, a tal Princesa era mesmo uma maravilha e seu corpo branco parecia brilhar como um peixe de praia quando sua nudez saía das águas perfumadas na sala de banho sob o carinho respeitoso das jovens que cuidavam de seus encantos. O banho da Princesa era a alegria daquelas gentis senhorinhas, o seu momento de prazer estético, entre bálsamos, sais e perfumes e óleos, a emoção sagrada, o privilégio de zelar pela magia de um corpo tão perfeito, luminoso e pleno das promessas mais doces à espera do dono de tudo aquilo.

Mas, apesar de muito formosa e muito princesa, existia um problema que tornava bastante difícil seu casamento.

Vamos ver que problema é esse.

A Rainha também sabia do problema e depois de tudo tentar, encontrou a única solução possível. Como toda mãe, ela conhecia a fundo o coração de sua filha. Por isso, foi com grande dor e muita contrariedade que resolveu por em execução o plano que resolveria o problema do casamento da Princesa.

O pretendente à mão de sua filha não precisaria ser um Príncipe muito jovem e nem muito belo. Claro que também não deveria ser muito velho, nem muito feio, que isso levantaria suspeitas indesejáveis à política e bom nome de seu reinado.

Pois bem, a escolha do pretendente ficaria amarrada a uma condição básica. Após conhecer o Príncipe pretendente e examinar seus títulos, a autenticidade do pedigrí, suas tendências políticas, o valor de sua espada e os balancetes de seu principado (mas tudo isso a

Rainha fazia por mera formalidade), aí ela lhe faria uma pergunta. Se a resposta fosse afirmativa (afirmativa para a Rainha), o casamento seria realizado. Em caso contrário, mandaria matar o pretendente. E podia fazer isso porque seu poder não conhecia fronteiras. E fazia isso porque não tinha outra saída: sua pergunta-proposta era absolutamente secreta.

Os primeiros pretendentes vieram. Os primeiros pretendentes morreram. Mas todos dirigiam-se ao palácio movidos por grande amor e vasta coragem. E durante um ano, dezenas de Príncipes, dos reinados mais distantes e obscuros aos mais próximos e poderosos, entraram na sala do trono para responder à pergunta da Rainha. Eram adoradores da Princesa, dos encantos da Princesa de cuja notícia todos sabiam.

A bela Princesa de corpo branco e luminoso, de lábios vermelhos e doces, continuava esperando o dono de seu coração.

Até o dia que o herói desta história entra em cena.

È jovem e belo como um Deus. Vem de muito longe. Vem confiante em sua inteligência e astúcia. Quando entra na sala do trono, seu andar é seguro e viril, a testa erguida, os gestos tranqüilos, as palavras são corteses nas exatas e o olhar é forte e firma como sua espada. Dá sua ficha completa e espera com dignidade e bravura o momento da pergunta fatal.

A rainha então, num gesto vaidoso, aperta a coroa na cabeça, ergue o cetro potente de ouro solidamente preso em sua mão direita e formula sua pergunta com orgulho e sadismo.

- Sois um homem ciumento?

Ao que o Príncipe responde tranqüilo: Não!

Na sala do trono só então a Rainha, o Príncipe e um homem de confiança. Em seguida, este homem se adianta com um pergaminho nas mãos e lê pausadamente as regras do jogo. Que em resumo são estas: A divina Princesa deste fabuloso reino tem uma qualidade da qual se recusa a abrir mão. Qualidade esta que sua Majestade, a Rainha de todas as Rainhas, houve por bem considerar um atributo

nobre e por isso irreversível. É do feitio nobre de nossa maravilhosa Princesa não manter relações sexuais com aquele que tiver a honra de ser seu esposo. Mas se reserva o direito de abrir exceção para qualquer homem que lhe agrada, desde que ele não seja seu legítimo marido. Sua Majestade, A Rainha de todas as Rainhas, considera esse fato um atributo e um real privilégio de sua magnífica filha.

O homem termina a leitura e se afasta. A Rainha volta a falar: Como é? Aceita a mão de minha filha?

Novamente o homem de confiança se aproxima e esclarece que não há jeito de blefar. Existe um teste para os que aceitam a proposta. A Princesa passa uma noite com o pretendente. Este conhece as virtudes sublimes de seu amor. No dia seguinte, será testemunha da infidelidade da Princesa. E a Rainha, pessoalmente, assessorada por seu homem de confiança, ficará observando as reações, de ciúme ou não, que surgirem no pretendente. Para maior segurança, o teste poderá ser repetido durante uma semana, variando-se os agentes de ciúme. No caso do pretendente blefar ou resistir, só Deus sabe com que sofrimento, a dolorosa semana de teste, o casamento se realiza, mas ainda não é definitivo. Durante os primeiros meses da existência conjugal, um agente da Rainha estará residindo no castelo do noivo para anotar todas suas reações. Se por um só momento o quase-esposo esboçar o menor gesto ou palavra oblíqua significando sombra de ciúme, o casamento será desfeito e o marido eliminado “por acidente”. A filha da Rainha jamais poderá se aborrecer com o ciúme do marido...

Bem, como se pode ver, a proposta da Rainha era quase impossível de ser aceita. Principalmente se considerarmos que o pretendente, quando vai tentar a sorte, não sabe nada disso. Só sabe que a Princesa é belíssima e seu amor e desejo de possuí-la (no sentido amplo) cresce à medida que sua emoção se encaminha para o Palácio. E se agiganta quando tem a certeza de que o fruto lhe será proibido após prová-lo algumas vezes. Ah, um detalhe que esqueci de contar: a Princesa não é apenas mulher de grande beleza, é também a

mais sensual que todo o reino já produziu. Diante dela os homens ficam de respiração presa e meio tontos.

Mas o nosso herói é o maior. Parece insensível àquelas propostas e explicações ameaçadoras. Sorri com nobreza e concorda com tudo. Aceita a proposta exibindo a mesma dignidade indestrutível de um homem que ouve os detalhes de um duelo de morte sem temer esta última. Olhe, nosso herói é mesmo o máximo. É super-bacana.

Por isso, disse concordar com tudo, tudo, mas tinha uma pequena condição. Jogou certo, pois sabia que a Rainha, ambiciosa como o diabo, estava interessada naquela aliança por motivos econômicos e políticos. Eis a pequena condição: a Princesa sua esposa poderia manter relações com quem quisesse no território de seu castelo ou mesmo fora dele. Mas, em seguida, disse claramente sua pequena condição. A Rainha conferenciou com o homem de confiança, este ficou indeciso, pediu tempo, segredou no ouvido da Rainha, a reunião foi suspensa e meia hora depois os três voltaram a se reunir na sala do trono. Nesse intervalo, a Princesa foi ouvida, ficou surpresa, curiosa, sorriu e disse sim com os lábios entreabertos que parecem sempre a espera de beijo. Nosso herói foi comunicado da decisão final e em seguida conferenciou com diversos técnicos em protocolos para a preparação das bodas que se realizaram uma semana depois, cumpridos que foram os testes do contrato. O Rei não compareceu ao casamento de sua filha. Foi apenas informado por um mensageiro, ou pombo correio, não sei bem. Lembro apenas das palavras da Rainha, com ironia, durante o banquete, escoltada pelo homem de confiança e referindo-se ao marido que há três anos estava ausente: “Quem? Meu marido? Ah, aquele coitado que se viciou em cruzadas... já ouvi falar nele sim...”

No castelo do nosso herói, dez dias depois do casamento, tudo parece em santa paz. Há muitas festas e passeios e caçadas e orgias de grande requinte. Pois a Princesa é mesmo muito alegre. O castelo é uma festa permanente e todo mundo se mostra muito feliz. Inclusive nosso herói. Ele adora observar sua esposa, que até então nem uma

vez lhe foi infiel depois do casamento, bebe, dança, brinca com todos, mas não vai além disso.

Numa dessas noites de festa, a Princesa não resiste e resolve propor uma troca com o marido. Ela cumpriria totalmente seus deveres de esposa, se ele lhe desse a chave que traz presa ao pulso, amarrada em uma corrente.

- Para sempre e só comigo?

- Não. Para sempre, mas sem exclusividade.

- Então, nada feito.

A chave que o Príncipe nosso herói trazia presa ao braço, servia para abrir a porta de um chalé de madeira, mito romântico, que existia em suas propriedades, bem escondido no centro de um denso bosque de pinheiros. Lá morava um homem jovem de cabelos loiros, cujo esplendor de sua beleza era tamanho que jamais poderia ser visto sob a luz. Tanto à luz do sol como à luz de candeeiros, nunca esse jovem poderia ser visto. O brilho de sua beleza cegaria todos que o olhassem.

A pequena condição do Príncipe: sua esposa poderia ter relações com quem quisesse, menos com o belo jovem do bosque. Que tal, hein? Nosso herói é mesmo formidável! Isso é que se chama entender de natureza feminina...

A Princesa estava cada vez mais apaixonada pelo loiro jovem do bosque. Não conseguia pensar em outra coisa. Em nenhuma outra coisa. Só a ele queria se entregar. Mas o Príncipe não lhe dava a chave, que tinha sempre amarrada ao braço por uma forte corrente.

Um dia, a Princesa decidiu que não poderia mais continuar sofrendo aquela tortura. Pôs uma droga no vinho do nosso herói, que era muito sensível, de sono sempre leve, e com um miolo de pão umedecido, tirou um molde da chave, que seu ferreiro de confiança se apressou em executar.

Na noite seguinte, deixou o castelo com um castiçal na mão e se dirigiu na direção do chalé. Várias vezes o vento apagou a vela. Várias vezes o medo da noite negra, sozinha no bosque fechado, várias vezes a Princesa tentou desistir e retornar ao castelo apavorada com as aves

noturnas e seus piados cheios de agonia. Suas pernas tremiam, mas o bater descompassado do coração era mais de amor e de desejo que de medo. Assim, ela continuava sempre em frente, segurando as emoções de desejo e de pavor misturadas.

Lembrando-se das recomendações do Príncipe, apagou a vela ao chegar diante da porta do chalé. E bateu de leve com o nó dos dedos, três batidas que embora tímidas, soaram forte na noite calada.

E quem era o moço loiro? Ele mesmo, o nosso herói, claro!

Então, nosso herói, o Príncipe-marido, abriu docemente a porta e tomou a Princesa-esposa nos braços. Fazendo o mesmo na noite seguinte, na outra e para sempre. Mas, claro, disfarçando a voz, o que fazia com grande arte.

O Príncipe e a Princesa viveram felizes para sempre...

Ele ria à toa. Sobrava alegria dentro dele porque só nesse caso é que a gente ri à toa, ri sem querer, ri de qualquer coisa e para todo mundo. Quando não sobra alegria, esta raramente transparece. Fica só por dentro, não liga o sujeito ao objeto. Mas a alegria de Jota era do tipo que não deixa ninguém fora dela.

- Sua alegria é assim como o sol, você não acha?

- Porque como o sol?

- Porque o sol ilumina e aquece tudo e todos indistintamente. O sol não discrimina, não escolhe a quem quer dar sua luz. Assim é a sua alegria. Todos nos beneficiamos dela.

- Todos? Benefício?

- Claro. Todos e tudo. Ou você ainda não percebeu?

Jota havia percebido, sim. Percebia que todo mundo brigava para se aproximar dele. Percebia, às vezes, assustado, os olhos acesos de desejo que se aproximavam como se fossem devorá-lo. Mas em vez de ficar vaidoso com tão desesperado amor, preocupava-se com a crescente quantidade de desalegria no coração dos homens. E isto lhe dava uma grande tristeza. Assim, não podia concordar que todos pudessem se beneficiar de sua alegria. Todos, possivelmente, menos ele próprio.

Jota não se sentia alegre, mas expressava alegria. Como sentir-se alegre em um mundo onde as desgraças, a insegurança, os medos eram mais atuantes que seus opostos? Como sentir-se alegre e feliz se existia a morte, a doença, a velhice, o ódio, a crueldade, o egoísmo? Mas ele era alegre assim mesmo, contra sua consciência, seus sentimentos, sua sensibilidade moral para as injustiças e sua incurável piedade por todas as dores e sofrimentos do mundo. Como explicar o fato? Quem poderia explicar?

Jota, por indicação de um amigo, procurou ler O Homem que Ri, de Victor Hugo. Talvez lá encontrasse alguma explicação. Mas

logo se decepcionou porque se tratava de um riso apenas físico, um simples defeito no rosto do herói que mantinha neste uma aparente feição de alegria. Seu caso era bem diferente, por isso não pôde se identificar com o personagem. Jota expressava e comunicava alegria mesmo quando não estivesse rindo. Era mais uma alegria, vamos dizer, de vibração, pensava.

- Não, não acredito que você seja infeliz. Deixe disso. Nem eu, nem ninguém jamais acreditará nisso. E entendo porque você fala essas coisas. Entendo e admiro. Você gosta de deixar a gente à vontade, não quer ofender ninguém com sua alegria, não é isto? Mas não seja bobo. Você está acima de competições. Já está do lado de lá, do lado dos ídolos. Todos precisamos que exista alguém absolutamente alegre como você para que possamos suportar a vida, para que possamos acreditar na vida. Todo mundo quer acreditar na vida e por falta de evidências costumamos inventá-las. Por isso mesmo que você prove que não é feliz, vai ser inútil. Já é um mito, acha por acaso que deixaremos perder uma evidência tão gritante como o seu caso?

Jota pensava que se seu caso fosse apenas físico, tudo ficaria mais fácil. Bastaria uma cirurgia plástica e pronto. Mas cada vez estava mais convencido que era um problema de vibração, de energia. Por isso lia tudo o que era publicado sobre pesquisas com astrais de ondas alfa. É, ele era mesmo um potente emissor de Ondas Alfa.

- Não, Ondas Alfa, não. Você está mal informado ou interpretou mal as informações que recebeu. As Ondas Alfa criam tranquilidade, harmonia e não alegria, entende?

- Sim, mas se criam tranquilidade e harmonia, a felicidade e a alegria surgem como consequência. Talvez eu seja feliz sem saber.

- Sabia que você iria dizer isto. Não, não e não. Negativo. Alegria é uma coisa e tranquilidade e harmonia são outra. Alegria é apenas o oposto de tristeza. São estados opostos dentro de uma mesma mente. Mas quando acontece a tranquilidade e a harmonia e posso

dizer também a vitalidade, quando acontecer, isto, é porque nossa mente está além dos dualismos...

- Além do que?

- Além dos dualismos. Quer dizer, é uma mente livre, sem contradições, é mente integrada em si mesma e com o todo, entendeu?

- Mais ou menos. Mas quem é o senhor? Estou interessado nessas idéias. Talvez esteja aí uma solução para o meu problema.

- Bem, não sou nenhum especialista no assunto, mas conheço alguém que poderá responder todas as perguntas que quiser fazer. Mas será que não seria interessante consultar antes um psicólogo? Se, como disse e parece evidente, não se trata de um problema físico, talvez seja problema psicológico, quem sabe?

- Psicólogo? Já consultei vários.

- E...

- Fracasso total. Em contato comigo, imediatamente eles começavam a rir contentes da vida. Ficavam cantando e dançando feito bêbados e dizendo o tempo todo que a vida era maravilhosa...

- Mas...

- Nada, nada de concreto. Nem chegavam a me ouvir, a anotar meus problemas físicos, meus conflitos. Me abraçavam, queriam dançar comigo, começavam a fechar os consultórios e pedir que os acompanhasse para comemorar na rua.

- Comemorar o que?

- Sei lá. Acho que a alegria intensa que experimentavam pela primeira vez na vida. É compreensível, não é. De repente se defrontam com um paciente alegre, entusiasmado, confiante...

- Bem, mas poderiam pensar que o senhor estivesse louco...

- Teria sido bem melhor. Mas isto na acontece, já perdi a esperança. Quem me vê, quem fala comigo fica logo contagiado. Veja o senhor, por exemplo. Já percebeu com que alegria está conversando comigo? Conto-lhe meus problemas e o senhor não para de sorrir, o senhor está aí me aconselhando, parecendo me entender, mas se olhasse para sua cara veria o absurdo da situação. Qualquer coisa

assim como alguém visitando um doente num hospital e morrendo de alegria enquanto tenta consolar o amigo.

- É mesmo. Pois olha que nem tinha percebido. É, de fato estou mesmo muito contente. E para ser franco acho que não estou nem um pouco interessado no seu drama íntimo, é, não estou mesmo, mas não consigo sair de perto do senhor, uma força estranha parece me prender nesta conversa...

- Pois é, mas apesar disso, será que o senhor poderia me dar o endereço de tal pessoa que entende de Ondas Alfa?

- Ele não é propriamente entendido em Ondas Alfa. É um sábio, sábio no bom sentido, entende?

- Não. O que é um sábio no bom sentido?

- É que existem os falsos sábios. Os que querem sinceramente ser sábios mas que não são. Ou os que apenas se fingem de sábio. Sábio é alguém que já superou, já transcendeu os dualismos todos, entende? É aquele que já está além da vida e da morte, do certo e do errado, da felicidade e da infelicidade. Alguém que transcendeu o dualismo entre o sujeito e o objeto. Entre sábio e não-sábio.

- É, isto parece maravilhoso e está começando a fazer sentido. O senhor também é um sábio no bom sentido?

- Quem, eu?! De jeito nenhum. Eu tenho consciência de minhas limitações. Já tentei, mas não consegui. Parei quando percebi que estava me transformando num sábio de mentira, num sábio apenas para impressionar os que andam atrás de sabedoria. Atinge apenas a erudição sobre sabedoria.

Então, o homem deu o endereço do verdadeiro sábio para Jota e este passou vários anos estudando com ele a arte de transcender os dualismos.

Jota era um homem com urgência de conhecer-se a si mesmo, Jota era um homem no limite da capacidade de suportar o conflito íntimo, Jota era um homem de grande persistência, Jota já estava entre a vida e a morte, preferindo morrer a continuar tragicamente dividido por dentro entre a imagem de alegria que comunicava aos outros e sua

tristeza interior. Entre ver que todo mundo precisava dele e a certeza de que o que dava era inútil pois as pessoas só ficavam alegres quando estavam com ele, voltando a serem inseguros, frágeis, angustiados assim que se distanciavam.

E porque Jota era um homem com esse urgência trágica de libertação, de superação dos dualismos, o sábio não encontrou muita dificuldade em ajudá-lo. As sementes caíam em terra boa e muito bem preparada para recebê-los.

Passados longos anos em companhia do sábio, Jota voltou para a cidade sabendo que agora poderia realmente ser uma presença vital entre os homens.

Mas desta vez, não mais se juntavam à sua volta. Raramente alguém se aproximava. E mesmo quando procurava entrar em contato, encontrava certa resistência por parte das pessoas em geral.

Jota não expressava mais o contagiante riso de alegria. Não criava, mesmo querendo, um ambiente, um clima de euforia, de alegria de viver, etc. E daí em diante, Jota se tornou um solitário. Um solitário em busca desesperada de um remédio contra a sabedoria...

Cortina que continua para sempre aberta e assim o céu inteiro se mostrando para sempre numa louca embriaguez azul. Mas, de repente, no meio da alegria, o que acontece? Atenção: o céu mesmo é que vai dizer o que acaba de acontecer: “Deste momento em diante não haverá mais nem nestes momentos, nem destes momentos em diante” O céu falou.

E o azul do céu vai ficando cada vez mais azul até que se torne azul e depois o processo se repete, tudo fica azul, o azul vai se tornando mais e mais azul até o momento impossível onde qualquer nova superação se torna improvável e é nesse exato tempo que surge do último improvável azul, um novo azul que vai pouco a pouco se tornando mais e mais azul. Ponto final. Ponto inicial. Atenção! Eu sou o azul e eu falo coisas só azuis e que os filhos dos homens começam a nascer com as pernas nos olhos e o sexo nos olhos e os olhos nos olhos e os cotovelos nos olhos e o peito nos olhos, na realidade os olhos dos novos filhos dos homens são eles os novos filhos dos homens que já nascem assim duas bolas azuis lindas como bolinhas de gude ou fome de amor ou como a beleza dos pés ensangüentados pelos espinhos das flores ou como o grito louco de um afogado e talvez até mais que isso como duas bolas de fogo muito azuis e dessas bolas de perfume invisível é que brotam os membros todos do homem azul que será e já é o filho múltiplo do homem, os olhos azuis dentro do azul que um dia há de voltar a ser azul, sempre azul cada vez mais até o fim final de todos os azuis de antes, de hoje e de amanhã onde é exatamente nesse dourado cemitério sonoro de tudo azul onde se dá um susto e esplendor o nascimento constante do azul.

- O senhor não entendeu minha pergunta. O que quero saber é qual exatamente a casa onde ele viveu e quantos anos faz que deixou esta cidade, só isso.

- Ah, já faz muito tempo...

- Quanto tempo? Cinco anos, dez, vinte?

- Iii, põe tempo nisso.

- Cinquenta anos?

- Ah, moço, se fosse só esse tempinho de nada até eu teria conhecido ele. Veja, eu estou agora com setenta, não é? Pois bem, desde que eu me conheço por gente que ele já não está mais por essas bandas.

- Seu pai conheceu ele?

- Meu pai? Não que eu saiba.

- E seu avô?

- Avô por parte de mãe ou por parte de pai?

- Não importa, qualquer um deles.

- Não.

- Não, o que?

- O que foi mesmo que o senhor perguntou?

- Se seu avô conheceu ele.

- Não, acho que não conheceu, não.

- E seu bisavô?

- Meu bisavô? Ora, moço, como é que eu posso saber das coisas que um homem tão antigo conheceu ou não conheceu?

- Bem, é que as histórias passam de pai para filho, entende?

- Que histórias?

- Ora, o homem de quem estou agora procurando me informar eu sei que morou nesta cidade e sei também que ficou famoso por toda essa região, por isso nada mais natural que o povo daqui ainda guarde fatos e histórias sobre ele, certo?

- Que história o senhor quer saber?
- Não, primeiro quero saber em que casa ele morou e em que data deixou a cidade.
- Ah, por que o senhor não falou logo? Isso ninguém sabe.
- Mas como ninguém sabe?
- Ora, não sabe não sabendo.
- Mas ele não morou aqui?
- Dizem que sim.
- Dizem?
- Dizem e não dizem.
- Não entendo...
- Não faz mal. A gente não precisa entender tudo. Aquilo que a gente não entende fica entendido sem precisar de entender, entende?
- Está bom, se o senhor pensa assim... Mas os fatos...
- Que fatos?
- Desculpe, mas penso que o senhor conheceu ele...
- É, não é...
- Ele morou aqui, já me disseram...
- É... tem gente que diz que ele morou aqui...
- O senhor poderia me fazer o favor de indicar alguém aqui da cidade que saiba qual é a casa onde morou? E quando deixou a cidade?
- Poder eu posso. Mas acho que não vai adiantar nada.
- Por que?
- Porque ninguém sabe. Mas uma coisa está me intrigando. Posso perguntar?
- Pode.
- Por que diabo o senhor quer tanto saber essas coisas sem importância?
- É que estou escrevendo um livro sobre ele. E nos livros a gente precisa dar todas as informações sobre quem se escreve, data do nascimento, lugar onde nasceu, onde morou, se era casado, se tinha filho, qual a profissão, altura, peso, sinais particulares, se tinha alguma

doença, entende? Coisas assim. O leitor gosta de saber tudo sobre o herói da história que está lendo.

- Ammmm. Então o povo desta cidade acho que não vai ler o seu livro, não. O pessoal daqui gosta mais de lembrar das coisas que ele fez. Que eu saiba ninguém nunca se importou se era branco ou preto, feio ou bonito, rico ou pobre. Olhe, uma vez ele chegou de cavalo e apeou logo ali, está vendo? Ali, olha, ali perto daquela árvore. E depois começou a andar e foi até a casa dele que ficava mais além...

- Um momento, desculpe interromper, mas o senhor sabe porque ele desceu do cavalo ali perto daquela árvore e teve ainda de andar até a casa que ficava mais além? Por que não desceu do cavalo em frente à casa? Isso não seria mais lógico?

- Ah, isso eu não sei, moço. Só sei o que estou contando. Quer ouvir o resto da história?

- Está bom, pode continuar.

- Então o pessoal da cidade que já sabia de coisas que ele não sabia, começou a andar atrás dele.

- Por quê?

- Porque o que?

- Ora, porque o pessoal começou a andar atrás dele? E o que é que eles sabiam e ele não?

- O senhor me disse ainda pouco que vai escrever um livro, não é?

- Disse, não. Já estou escrevendo.

- Ummm. Interessante. No seu livro tem alguma história?

- Claro. Eu primeiro reúno os fatos e depois junto esses fatos numa boa história. O leitor gosta de histórias.

- E o senhor?

- Eu o que?

- Eu quero saber se o senhor também gosta de histórias... Não, não precisa responder. Acho que não gosta, não. Senão me deixaria contar a minha.

- Ah, desculpe, prometo não interromper mais. Mas, por favor, procure não se perder só na imaginação. Ponha de vez em quando uns fatos, entende?

- Por quê?

- Fatos, coisas reais, acontecimentos que possam ser comprovados, entende? E procure localizar direito os fatos, dizendo quando e aonde aconteceram e se possível dar as causas, alguma interpretação e especular sobre possíveis consequências...

- Quer mesmo ouvir a história?

- Está bem, conte como quiser.

- Onde eu estava mesmo?

- Ele tinha descido do cavalo, caminhava para sua casa que ficava um pouco distante e o pessoal da cidade seguia atrás porque sabia de coisas que o herói ainda não sabia.

- E aí ele chegou em casa. Abriu a porta, entrou calmamente e o pessoal lá fora esperando em silêncio e com muita vontade de ver a cara dele quando saísse. Ah, esqueci de dizer que ele estava sempre sorrindo. Bem, não era bem um sorriso, era mais um risinho feliz e tranqüilo que nunca saía do rosto dele. Ainda me lembro como se fosse hoje. Ele entrou com esse tal sorriso na cara, ficou um certo tempo dentro da casa e depois saiu com o mesmo sorriso, igualzinho como tinha entrado. O mesmo andar firme e calmo, o mesmo sorriso, a mesma despreocupação. E sabe o que aconteceu? Nós todos que estávamos ali para ver ele cair do cavalo....

- Cair do cavalo? Mas se ele já tinha descido do cavalo?

- Não moço. Cair do cavalo é modo de dizer. Cair do cavalo, ficar sem jeito, perder, desmontar, dar com os burros n'água, cair de cara no chão. Entendeu? Mas ele não caiu do cavalo. Saiu como entrou. O senhor já reparou o sol brilhando lá em cima? Pois é, ele era igualzinho o sol. Sempre brilhando, sempre cheio de vida, sempre sorrindo. A nuvem cobre o sol, mas não tira o brilho dele. O brilho, a luz continua lá do mesmo jeito, tanto faz ter ou não ter nuvem na

frente. Quando a nuvem se afasta, a gente olha para o sol e lá está ele igualzinho como antes, a nuvem não suja o sol, entende?

- Desculpe, eu não queria interromper. Mas já vi que o senhor gosta muito de contar histórias e às vezes se esquece dos fatos da própria história e...

- Como assim?

- Ora, o senhor ainda não disse o que ele viu dentro da casa.

- Não disse, mas não faz mal. Podia ser qualquer coisa dessas que a gente encontra quando chega em casa, coisas que podem fazer barulho dentro de nós, coisas muito tristes ou muito alegres, entende? Uma desgraça, um grande dinheiro, a morte de um filho, o nascimento de um filho, a mãe que ficou curada das pernas e já pode andar, a mulher deitada com outro homem, o filho que foi expulso da escola, um ladrão que entrou e depenou tudo, um incêndio, uma carta contando que a mulher amada vai chegar, coisas assim que mexem fundo na gente.

- E qual coisa dessas foi dessa vez?

- Que vez?

- Ora, dessa vez que ele desceu do cavalo perto daquela árvore e andou uma certa distância até chegar em casa e o povo todo esperando para ver a reação dele....

- Ah, como posso saber? Já faz tanto tempo.

- É, o senhor não me foi de muita ajuda. Quero dizer, não me forneceu muito material para o meu livro. Agora, só uma pergunta, se puder fazer o favor de responder.

- Pode falar, moço.

- O senhor acha que ele era um grande homem? Gostaria de ser igual a ele?

- Ah, não, eu não. Eu acho que a gente deve sofrer quando uma desgraça acontece para a gente. E deve festejar quando acontece uma coisa muito boa.

- Mas então porque toda esta cidade continua até hoje ligada a ele? Por que até hoje contam as histórias dele, os feitos, a coragem, o

desprendimento, o sangue frio, a profunda tranqüilidade, etc.? Por quê? Porque é ele o grande herói de vocês?

- Sei não. A gente conta porque tem vontade de contar. O vento venta porque tem vontade de ventar... Ah, esqueci de contar que no começo o povo da cidade não gostava dele. Achava que era um homem sem coração. E só para judiar, começaram a criar problemas, cada um mais cruel para provar até onde ele era mesmo firme. E de tanto provar e de tanto ele vencer todas as provas, a gente, é claro começou a ter certeza de que ele era mesmo muito melhor que nós. Ou o senhor pensa que qualquer um é capaz de enfrentar com um sorriso, sempre o mesmo sorriso, a mesma calma, tudo o que ele enfrentava? O senhor seria capaz?

- Acho que não.

- Então. Ou o senhor acha que a gente guarda memória de coisas que todo mundo é capaz de fazer?

- Será que ele era feliz?

- Ah, isso só perguntando para ele. Felicidade é coisa de cada um.

- Mas o senhor o que acha? Pelo jeito dele, quero dizer, não dava para a gente saber se era feliz ou não?

- Bom, se é isso o que quer saber, ele nunca criou caso som ninguém, nunca se meteu na vida dos outros e também acho que os outros não conseguiam se meter de verdade na vida dele. E tinha sempre um ar muito descansado, muito cheio de vida, muito despreocupado.

- Ajudava os outros?

- Uma vez arriscou a vida para salvar um menino que estava se afogando no rio. E sumiu em seguida. Mas acho que a gente ajuda mesmo os outros quando não atrapalha ninguém. O senhor não acha?

- Bem, isto é questão de ponto de vista. Uma pessoa que não ajuda ninguém e não atrapalha ninguém, para mim não está nem vivendo.

- Mas ele não se preocupava em ajudar e nem atrapalhar ninguém. Apenas fazia as coisas ou não fazia as coisas como essas coisas iam aparecendo em sua frente. Se era para correr, corria. Se era para ficar parado, ficava parado. Se era para salvar alguém, salvava. A cara dele é que não contava nada do que poderia estar acontecendo lá dentro. Sabe duma coisa? Às vezes eu imagino que dentro dele não acontecia nada. Era tudo vazio. Fazia as coisas como o vento venta, como a chuva chove, como o rio corre, como o peixe nada, como o sol ilumina.

- O senhor gostava muito dele. Acho mesmo que gostaria de ser igual a ele.

- Bem, gostar eu gostava. Disse há pouco que não queria ser igual a ele porque sei que isso seria impossível. Não gosto de nada impossível, entende? Sou como sou. Ele, não. Ele era diferente de todo mundo.

- Muito bem. Gostei de conversar com o senhor. Acho que é um filósofo, sabe disso? Mas infelizmente, vou ter que ir andando porque só posso ficar cinco dias nesta cidade e, infelizmente, esta minha primeira entrevista, não por culpa sua, é claro, não me deu nem um feito concreto para o meu livro. De qualquer maneira muito obrigado, o senhor foi muito gentil. Agora vou andando e ver se encontro alguém por aí que saiba de fatos mais preciosos...

- Quando o livro estiver pronto eu quero ler.

- Não sei se o senhor irá gostar do meu livro. Será apenas um relato baseado em fatos, não em lendas. Será toda a verdade sobre esse suposto herói que esta região idolatra há tantos anos. Infelizmente, será um livro onde esse herói, será colocado a nu...

- Nossa, moço! Vai mostrar o homem pelado?

UM GRANDE ESCRITOR

Nasceu, viveu, morreu. Está pronta a biografia de seu avô, minha senhora. Como a senhora não me contratou por número de palavras e sim e simplesmente para escrever a biografia de seu avô, exijo meu dinheiro. O quê? A senhora ainda tem coragem de dizer que aqueles documentos rotos, sujos, felizmente quase ilegíveis, que me enviou dentro de um rico envelope lacrado, a senhora ainda tem a audácia de dizer que aquele lixo eram subsídios valiosos para o conhecimento de um grande homem? Pelo amor de Deus, minha senhora: Olhe, para ser franco, nada que seu avô fez tem importância a não ser para a senhora ou outro parente. Creia-me, seu avô apenas nasceu, viveu e morreu e tudo o mais que eu quisesse escrever seria mentira, invenção...

- Pronto? Acabou o discurso? Posso agora também falar um pouquinho?

- Só se eu receber por palavra.

- Como?

- Por palavra que eu tiver que ouvir.

- Que seja. Em primeiro lugar, o seu orgulho é típico de gente inferior, gente insegura, frustrada, fraca. Seu orgulho, suas agressões contra mim são tristes esforços para exibir liberdade ou pior que isso, para tentar provar a si mesmo que é livre. Pura infantilidade que não fica bem num escritor com seu nome e seu talento que realmente admiro. Em segundo lugar, se o senhor conhece um pouco de história e acredito que conhece bastante, deve saber que o escritor enquanto artista, poeta, nunca passou de um bobo da Corte, um mero Truão que era pago para divertir a nobreza. Ou enfeitar os palácios como um rico vago que se compra para o mesmo fim. Ou ainda para descansar as cabeças aristocráticas, pensando por elas. Os senhores eram comprados como qualquer outro escravo... Está contando minhas palavras? Pois é, vai contando porque hoje em dia a situação é a mesma. Vocês vendem a inteligência e o talento, escrevendo literatura

intencionalmente comercial para obter patrocínio das grandes empresas, ponto inicial da escalada de banalização literária, artística, intelectual, grupos econômicos de peso pagam caro para que escritores publiquem literatura barata... e assim conseguem acabar de vez com o mau negócio chamado arte literária, e ainda, com isso, pagam menos impostos... Isso, sem falar nos que defendem ideologias ou crenças por dinheiro sinceramente, utilizando técnicas ou maneirismos que o nível rebaixado dos leitores, acreditam ser literatura...

- Posso interrompê-la?

- Desculpe, eu falei muito?

- Não, em absoluto. Pelas minhas contas e pelo meu preço, não deu nem para comprar um relógio. Contra meu interesse, pois se a senhora continuasse falando eu ganharia mais, resolvi interrompê-la porque me veio uma idéia: acho que é a senhora que deveria escrever a biografia de seu avô. Não, não estou brincando, não. Falo sério. Poucas vezes ouvi alguém falar com tanta lucidez. Por que a senhora não escreve a biografia de seu avô?

- Porque eu não sei escrever.

- Não sabe? Quantos escritores possuem a lucidez, a força de argumentação, a profundidade de observação, o equilíbrio, a lógica, a criatividade...

- Basta isso para ser escritor?

- Não sei. Francamente não sei. Mas o fato é que a senhora me impressionou. Estou até envergonhado de havê-la ofendido. Pensei que a senhora fosse apenas uma dessas milionárias vazias.

- O que é necessário para ser escritor?

- Não sei. Não existe escritor, existem escritores, de todos os tipos e gêneros. Há quem diga, por exemplo, que o Huxley não tinha sensibilidade e que suas novelas são frias, descarnadas, racionais, retóricas, teorizantes, feitas em laboratório. Mas quem tem coragem de negar que ele é um escritor? Outros afirmam que Hemingway era bastante inculto e que Garcia Lorca só passava os olhos pelos livros,

folheava-os apenas, lendo um trecho aqui, outro ali. E alguém duvida que foram escritores de verdade? Talvez a senhora seja uma escritora.

- Não tenho talento.

- O talento só nasce depois do artesanato, nunca antes. É preciso esquentar o motor para o carro andar. Escreva bastante, domine a linguagem e depois o talento, a criação, a arte, podem aparecer ou não. Nunca antes.

- E depois de eu escrever bastante como é que vou saber quando o talento aparece, ou melhor, como poderei distingui-lo? Os críticos é que me informam?

- Às vezes sim. Mas há uma maneira simples de descobrir o talento. A senhora o reconhece imediatamente quando diz com arte uma emoção ou idéia ou simples observação e depois se surpreende: mas será que fui eu quem escreveu isso? De onde diabo veio isso parar em mim?

- Gostei. Parece justa essa sua teoria, gostei mesmo. Mas acontece que eu não gosto mesmo de escrever. Tenho uma preguiça danada de juntar letra por letra, palavra por palavra, frase por frase até formar uma página, deus me livre, isso é trabalho de formiga, aço que eu ficaria louca. Eu tenho dinheiro, muito dinheiro. O senhor, segundo estou informada, vive ou sobrevive do que escreve, não é assim? Muito bem, porque então não nos associarmos para que a biografia de vovô seja escrita? O senhor entra com o verbo e eu com a verba. Que tal?

- Minha cabeça trabalha enquanto a da senhora descansa, não é isso?

- Exatamente.

- E terei também de fazer piruetas verbais, contorcionismos intelectuais, malabarismos com as idéias, equilibrar emoções na ponta do nariz?

- Isso é com o senhor. Se quiser fazer também isso, pode. Mas como não estou interessada, não pago. Tenho essas demonstrações, de graça, nos vernissages, nos saguões dos teatros...

- E os divertimentos sexuais?
- Que é que têm eles?
- Terei de lhe proporcionar também essa parte?
- Por favor, não seja ridículo: Há muito que isso deixou de ser função de artista. Vocês foram substituídos.

- Por quem?
- Chofer, jardineiro, esportistas. Homens com o sexo no lugar certo e que falam na hora de falar e agem na hora de agir.

- É, de fato a senhora nos despreza mesmo. Por um momento fiquei em dúvida. Agora tenho certeza. Que mal nós lhe fizemos? Será porque somos a consciência de vocês? O espelho onde surgem nítidas suas monstruosidades?

- Pode ser. Mas acredito que o conflito nasce mais de outro motivo: Vocês querem o nosso dinheiro, o nosso conforto, nosso aplauso, ser um dos nossos, mas sobre um pedestal e sob um facho de luz. E como somos gente de negócio, quando aceitamos as condições de vocês, impomos as nossas em troca: vocês têm de aceitar nosso sadismo, nosso prazer em humilhá-los, em colocá-los na posição de estátuas, mas uniformizados, vestidos de libré?

- Está certo. Mas a senhora generalizou demais. Eu, por exemplo, quero apenas o seu dinheiro. Preciso dele para viver. Do resto não preciso. E se ganho pouco com minha profissão é simplesmente porque escolhi só escrever aquilo que quero escrever. Se seu avô, por exemplo, tivesse sido um homem com problemas semelhantes aos meus, eu não teria dúvida em erguê-lo para que todos pudessem vê-lo.

- O senhor não é nada modesto, hein: Primeiro dia que dispensa conforto e aplauso, tentando se colocar na posição de homem superior às fraquezas humana. E agora afirma que seus problemas são da maior importância.

- A senhora não me compreende.

- O eterno incompreendido?

- Meus problemas são importantes porque eu vivo o dia todo e todos os dias com ele, só com eles e ninguém mais além de mim conhece suas dimensões. Entendeu agora?

- Meu avô poderia dizer essa mesma coisa também. Ele nasceu, viveu e morreu. Não realizou nenhuma obra importante. Só fez o que era permitido fazer, jamais agrediu a vida par modificá-la, seus dias eram sempre iguais. Mas quem, além dele, pode saber a dimensão de seus problemas? No caso dele, isso é ainda mais verdadeiro. O senhor escreve, se despeja em seus livros, se confessa, nos mostra seus problemas, não é assim?

- Não é, não. São muito raros os escritores que fazem isso. E mesmo os que fazem, trapaceiam na maioria das vezes. Como o sedutor que confessa suas fraquezas à mulher amada: espera em troca carinho, paixão, tantas coisas... Estilizam quase sempre. Distorcem. Sentem-se comprometidos com a posteridade e estetizam seus problemas quando têm talento. Isso além de não poderem fugir às estruturas ou desestruturas da criação literária que são também agentes modificadores tanto para piorar ou melhorar seu texto....

- Interessante. Isso que o senhor acaba de dizer explica perfeitamente a razão porque meu avô nunca escreveu.

- E ele queria escrever, sentia necessidade de escrever? Por que a senhora não me forneceu essa informação?

- Porque não tem importância. Que eu saiba ele nunca escreveu... Talvez quisesse ser escritor... Como o senhor disse muito bem, ninguém pode saber o que ia pela cabeça dele, não é?

- Eu sei o que vai pela minha cabeça. E gostaria muito de passar tudo o que está lá dentro para o papel, sem preocupações literárias, sem querer criar nenhum estilo novo, nada de revolucionar as técnicas de expressão, sem intenções de arrumar um lugarzinho na posteridade, sem procurar compreensão, nem aplauso. Escrever para me compreender, escrever para me encontrar, para saber por que estou vivendo, para tentar redescobrir a vida...

- Estou gostando, continue...

- Não tenho mais nada a dizer. Vou escrever a biografia de seu avô como um gênio da literatura, mas que misteriosamente nunca chegou a escrever um único livro, o germinal, inolvidável. O Inaudível Grito do Silêncio. Um épico meta-ecológico. A biografia de seu avô será escrita na primeira pessoa. Vou escrever a auto-biografia dele. Sem conhecê-lo mas procurando me conhecer.

- Parabéns! O senhor acaba de tomar uma decisão sábia. Vai se divertir, vai se ocupar... Vai ampliar seu ego, um ego aliás que precisa fazer regime para emagrecer... O senhor é, sem dúvida, um grande escritor. Quase, diria, comparável ao meu querido e genial avô.

DOENTE DE TEMPO

Quando chegou em frente à casa dela já era tarde e teve apenas tempo de ver o Mercedes dobrar a esquina. Pegou então o primeiro táxi que passava e rumou para o aeroporto. Ele já havia embarcado.

O despachante precisava de pelo menos dois dias para tratar da renovação de seu passaporte e conseguir o visto. Não tinha a menor idéia do hotel onde ela iria se hospedar em Madrid. Por isso quando desembarcou na capital espanhola conseguiu no aeroporto uma lista completa dos hotéis da cidade e seguiu para um deles. Já no quarto, sentou-se ao lado do telefone com a lista e um lápis na mão. Ia telefonando, perguntando por ela, riscando as negativas. Até que um deles respondeu sim, sim havia uma hóspede com aquele nome. Mandou que a chamassem. Informaram que o telefone dela não atendia. “Não está no hotel?” Está sim, a chave não se encontra aqui na portaria, acho que está repousando, ou no banho. Aí o herói voou para o tal hotel e como na recepção tentasse novamente chamá-la no quarto pelo telefone e nada, resolveu subir e ficou cinco minutos apertando a campainha da porta, depois bateu forte com os nós dos dedos e com a mão espalmada. Nada. Voltou correndo, nem esperou o elevador e desceu as escadas aos pulos para pedir ao gerente que o acompanhasse, com a chave, ao quarto dela. Isto foi feito. Abriram a porta. E o que viram? Ela estirada na cama, com a cabeça pendida para o chão e na mesinha de cabeceira o clássico copo d’água ao lado de um vidro de barbitúrico completamente vazio. Morta.

Tudo foi tão depressa! Ele estava exausto e deu um dinheiro ao gerente do hotel para que expedissem telegrama ao Brasil avisando os pais dela e que tudo fosse arranjado de maneira que se trasladasse o corpo, pois a família naturalmente gostaria que o enterro se realizasse em São Paulo. No dia seguinte ele e o caixão embarcavam em um jato no aeroporto de Madrid. E por maiores que tivessem sido as precauções, alguns passageiros perceberam que a carga fúnebre havia entrado no avião. Perceberam ou desconfiaram. Mas o medo de

receber uma resposta afirmativa fez com que nenhum tivesse coragem de perguntar sobre o fato à aeromoça. Durante o vôo, notaram o ar desesperado dele, do nosso herói, olhos vermelhos de tanto chorar, porque o coitado chorou muito, a barba por fazer, olheiras fundas, os movimentos nervosos das mãos derrubando os fósforos quando pretendia acender o cigarro, um cigarro atrás do outro. Ao lado dele, no mesmo banco, estava sentada uma velha senhora fazendo tricô. Exatamente uma das que mais desconfiaram da presença do caixão. Após meia hora de vôo, não resistiu e puxou assunto comigo. (Comigo, sim. Sei muito bem que até agora mesmo eu estava falando na terceira pessoa. Mas é que as coisas todas que aconteceram são tão estranhas e me impressionaram tanto que às vezes fico em dúvida se de fato aconteceram mesmo com outra pessoa ou comigo. Vejo tudo de maneira muito clara para que eu não tenha sido o protagonista. É esquisito, sim, eu também acho, mas o que vou fazer se é assim que sinto?

E a velha então perguntou se eu morava na Espanha ou no Brasil. Não respondi. O senhor imagina... ela continuou falando sem se importar com o fato de eu não tomar conhecimento dela. O senhor imagina que minha filha vai se casar amanhã em São Paulo e já estou tricotando um casquinho de lã para o filho dela. E sabe duma coisa? Às vezes, enquanto com estas agulhas nas mãos trançando o fio, tenho a impressão de que estou tecendo o corpo de uma criança. Não é fabuloso? O senhor tem filhos? Perdão! Nem perguntei antes se era casado. Eu tive três filhos. Dois morreram. Um, aos oito anos, de tétano, um prego enferrujado. O outro, na guerra. Ele não queria ir, mas eu sempre lhe ensinava que a covardia era a pior coisa do mundo. E foi só por isso que o pobrezinho morreu, por causa dessa idéia que eu pusera na cabeça dele quando criança. Dois meia, um tricô, laçada, pronto, errei, vou ter de desmanchar toda essa carreira! A velha então levantou a parte que já havia feito e me mostrou. Que tal, está ficando bonito? Hoje estou tão desatenta, meu deus! A que casa amanhã é a caçula. Gostaria que o senhor a conhecesse. É uma belezinha.

Pretendia estar um mês antes em São Paulo para ajudar a arrumar tudo. Casamento dá tanto trabalho! Mas fiquei doente. Era uma velha gordinha, e suas roupas, os cabelos brancos bem tratados, a voz educada, os gestos graciosos lhe davam uma presença macia. Em outra ocasião, seria uma velhinha simpática. Uma horrível dor na perna, o senhor sabe, a gente vai ficando velha e a morte começa a cutucar. O senhor tem medo de morrer? Tem medo da morte? As últimas frases a velha disse bem alto e olhando fixo em mim. Pretendia me provocar, tirar de mim a revelação, mas eu continuava calado, os olhos fixos no encosto do banco da frente onde estavam bordadas as iniciais da Companhia e as letras seguravam minha vista, mas não meus pensamentos. Nada que aquela velha falava poderia tirar o herói de si mesmo. Nada? De repente ela disse uma frase que me perturbou a tal ponto que minha voz ecoou por todo o avião, fazendo várias cabeças se virarem para o meu lado. Ao continuar falando de sua filha, do casamento, referiu-se à data em que este iria acontecer: 20 de maio. E mostrou o convite. Então eu disse à velha, quase sem abrir a boca, que ela havia perdido o casamento. Dia vinte foi exatamente o dia em que o nosso herói havia saído de São Paulo. Era o dia em que minha amada partira rumo à Espanha com o objetivo sinistro de casar-se com outro. Tranquila e sorrindo, a velha tirou da bolsa o canhoto da passagem e quando me mostrou a data eu saí de mim muito bruscamente a ponto de exclamar que não era possível, com a voz exaltada que chamou a atenção de todo mundo.

No aeroporto de São Paulo fui recebido pelo pai de minha amada. Nessa época eu tinha 22 anos. Adiantei-me para lhe dar os pêsames e recebi uma forte bofetada. E foi dizendo que quando eu quisesse fazer brincadeira escolhesse alguém de minha família. Sua filha havia ido passar dois dias na fazenda de uma amiga e como não tinha o hábito de contar aos pais aonde ia e estava com viagem marcada para a Espanha, ela era praticamente brigada com os pais, eles pensaram que o telegrama fosse verdadeiro. O velho, cardíaco, quase morreu de susto.

Nosso herói então puxou o pai da moça pelo braço e fez com que o acompanhasse até o avião. Todos os passageiros já haviam descido e as bagagens começavam a ser desembarcadas. Dirigi-me ao funcionário que tratava da descarga e falei: por favor, mostre o caixão a esse cavalheiro. Que caixão?! Respondeu o homem assustado. Ora, o caixão do cadáver, insistiu o herói com voz dramática. Aí o funcionário disse que eu continuasse com aquele humor negro, chamaria alguém para me prender. Empurrei-o e subi a escadinha para dentro do avião. Havia só malas e pacotes. Gritei: vocês não embarcaram o caixão?! Foi quando um policial muito bravo me tirou de dentro do avião. Pedi-lhe quase chorando que me levasse aos escritórios da Companhia, pois alguém teria que se responsabilizar pelo fato de não haverem embarcado o caixão em Madrid. Mas o nosso infeliz herói não foi levado aos escritórios da Companhia. E sim ao médico de plantão. Que ouviu toda a história e autorizou minha internação em um sanatório.

Uma semana depois me soltaram. A pedido do próprio pai de minha amada. O psicólogo que cuidava de mim pediu no entanto que eu continuasse em tratamento embora sem estar interno. E veja só as coisas que inventou. Disse com ar muito científico que eu precisava ser reintegrado no tempo. Foi o que explicou: eu confundia os fatos, estava alheio às divisões lógicas e normais de passado, presente e futuro. E agora, pensando bem, talvez tivesse razão, pois no dia seguinte ao que desembarquei em São Paulo, minha amada partiu para Madrid e lá, em um quarto de hotel, faleceu ingerindo exagerada dose de barbitúrico.”

UMA PERGUNTA

Quando a lua sumiu por trás das nuvens e a noite ficou muito escura, um cachorro uivou. Foi o suficiente para que o medo ficasse dentro dele. Mas com medo ou sem medo, tinha que continuar.

Voltar atrás não dava mais, era completamente impossível.

Por alguns segundos conseguiu se consolar com a lembrança dos obstáculos todos que já havia vencido. Isto lhe deu um pouco de coragem, mas só um pouco. O medo era uma mancha cinzenta que envolvia tudo por fora e por dentro dele. Uma mancha cinzenta que ora ficava mais clara como quando conseguia se apoiar nos feitos passados e ora se tingia de negro total como quando a luz entrou em baixo das nuvens e o cachorro ganiu. Mas era o último obstáculo. Depois de vencê-lo, pronto, a estrada estaria aberta e livre e clara de sol à sua frente.

Prendeu a respiração, segurou firme no bolso sua figa de dar sorte e tocou a campainha da casa.

Silêncio total. Apertou novamente o dedo no botão da campainha. O silêncio continuava aumentando seu medo. E já estava quase desistindo e criando a desculpa de ir embora não por medo mas porque não havia ninguém em casa, quando a porta começou a se abrir. Uma velha muito negra com o rosto esbranquiçado de pó de arroz, de olhos arregalados mas que parecia não estar enxergando nada, apareceu ali parada e parada continuou na sua frente.

- Boa noite, minha senhora.

A velha não respondeu, nem se mexeu.

- Desculpe, minha senhora, mas...

Aí a velha fez um gesto muito fraco com a cabeça que parecia ser para que eu entrasse. Fui entrando receoso e ela continuava lá parada olhando para frente, nem se virou para me acompanhar. Me vi dentro de uma grande sala alta e sem nenhum móvel.

- A senhora deve ser a empregada, não é?

A porta se fecha com força e grande barulho e a velha sai rápida de onde estava, passa por mim sem dizer nada, nem mesmo me olha, cruza a imensa sala e some por uma das portas. Pronto, e agora?

- Agora, o senhor vai me conhecer. Não era isso que tanto queria?

Claro que levo o maior susto. Pela mesma porta que a velha havia sumido, aparece uma jovem belíssima sorrindo e me dizendo o que disse.

- Espere um pouco. Mas... espere aí, você está com o mesmo vestido da empregada velha que me atendeu...

- É possível. É possível que eu e ela sejamos a mesma pessoa...

- Ah, você me atendeu com uma máscara de velha e agora...

- Será? Não fique tão certo disso. Além do mais, qual a importância que isso tem? Não é a mim que você queria ver?

- Claro.

- Então. Você já passou por todas as outras provas, suponho.

- Sim. Passei e venci.

- Isto é óbvio, se não tivesse vencido não estaria aqui. Como achou as lutas? Muito difíceis?

- Não quero nem me lembrar.

- E cada uma era sempre mais difícil que a seguinte, não é?

- Exatamente.

- Assim, creio que está preparado para a mais difícil de todas?

- Bem, preparado não sei se estou, mas...

- Ótimo. Então vamos começar.

- Começar?

- Sim, começar. Ou o senhor pensa que veio aqui para conversar?

- Não, não é isso. Sei que vim aqui para alguma coisa e alguma coisa muito difícil e sofrida de ser feita. Disso tenho certeza. Mas você disse começar.... começar o que exatamente?

- Já está pronto?

- Pelo amor de Deus, pronto para que?

- Bobinho, você está assustado. Nem parece que já passou por tantos obstáculos! O que é isso? A experiência não te tornou mais maduro, mais forte, mais curtido, mais seguro de si?

Bem, eu...Opa! o que é isso?

A luz da casa se apaga, volta a escuridão total e novamente um cão uiva lá fora.

- Ei, você que estava falando comigo, onde você está? Por favor responda. Que jogo é esse de apagar a luz?

Há um silêncio de uns dois minutos e a voz da moça é novamente ouvida.

- O senhor está muito nervoso, o que é isso? Calma, calma, não está acontecendo nada de mais, apenas a luz se apagou, talvez algum curto, coisas sem importância. Logo ela volta.

Assim que pronunciou a última palavra, a luz voltou e nosso herói viu assustado que diante dele não estava mais a linda jovem e sim a velha feia de rosto branco, parada, muda, olhando fixo para uma das paredes da sala onde não havia nada que merecesse ser olhado com tanta atenção.

- Muito bem, Quem é a senhora? É a empregada, não é? E onde está a moça com quem eu estava falando agora pouco?

- Estou aqui, veja! Apenas fui lá no fundo da casa trocar o fusível, já troquei, a luz já voltou e já estou aqui de novo. Acho que você está com a mente parada em alguma idéia sinistra e por isso está vendo perigos e sustos que não existem.

- É possível...

Logo em seguida a moça começou a arrumar umas flores num vaso sobre uma mesinha, só que não havia mesinha, nem flor e muito menos vaso. E o nosso herói já ia abrir a boca para estranhar o fato, quando a jovem tranquilamente mexendo nas tais flores inexistentes, falou, sem olhar para ele:

- Como é? Está preparado?

- O que?

- Bom, não vou perguntar mais. Vamos começar. É um jogo aparentemente simples. Não é bem um jogo. Trata-se apenas de uma pergunta. Uma só. Se você responder direito, se acertar, terá vencido o último obstáculo e terá o prêmio que ambiciona, será...

- Devorado? Ora, deixe de brincadeira, que negócio de devorado é esse, está brincando? Não é? Quem iria me devorar?

- A velha.

- A velha? Aquela velha louca e magrinha que mal consegue falar?

- Ela mesmo. Não viu como tem os olhos grandes? Aquilo é fome. E parece que gostou de você, digo, de sua carne.

- Bobagem, você não pode estar falando sério.

- Isto veremos, caso você não acerte a pergunta. Que é a seguinte. Pronto, preparado?

- Está bem, pode fazer. Mas espere um pouco. Será que não seria melhor deixar para amanhã? Confesso que esperava uma coisa meio solene, mais séria, com algum preparativo, sei lá. Mas você me recebe nesta casa esquisita, nesta sala vazia, sem nenhum móvel, sem nada, sem nem uma cadeira para sentar e de repente, sem mais nem menos como se fosse me oferecer um cigarro, vem com um jogo para o qual nem estou preparado. E veja que será o meu último e mais importante obstáculo...

A moça, parecendo nem ouvir o discurso receoso do nosso herói, continua arrumando as flores invisíveis e fez a pergunta com voz normal, sem dar nenhuma ênfase especial para a ocasião:

- O que é uma estrada aberta e livre e cheia de sol à sua frente?

- O que?

- Você ouviu, não ouviu?

- Bem, ouvi. Mas é esta a pergunta?

- É. E você tem exatamente até a meia-noite para responder, ou melhor, para acertar a resposta. Agora são nove e meia. Tem portanto muito tempo.

Nosso herói sentiu-se meio aliviado porque aquilo parecia fácil, pelo menos umas mil vezes mais fácil que seu primeiro obstáculo que era o menos difícil de todos. Mas era tão fácil que pensou tratar-se de algum truque. Ou brincadeira de mau gosto. Ou será que teria vindo ao endereço errado? Mas de qualquer maneira resolveu entrar no jogo. Pelo menos ganharia tempo. Poderia deixar para amanhã e ter de enfrentar o verdadeiro obstáculo, caso tudo aquilo não passasse de brincadeira ou de engano.

- Uma estrada aberta e livre e cheia de sol é um futuro risonho à nossa frente. É aquilo que todo mundo procura. É a superação de todos os obstáculos. É a felicidade.

- Errou. Acho melhor se concentrar um pouco. Sua primeira resposta indica um total distanciamento do problema real que a pergunta implica.

- Errei? Por que eu errei? Eu acho que minha resposta está certa.

- Quem decide se a resposta está certa ou errada sou eu, não você.

- Por quê?

- Porque eu sou a única pessoa que sabe a resposta. Você já conseguiu alguma vez andar por uma estrada como essa que é a sua meta e a meta de todas as pessoas que já existiram e que virão a existir?

- Não, mas...

- Então. Isto prova que você não conhece essa estrada. E se acha que alguma outra pessoa conhece, vá procurá-la.

- Então, se você é a única pessoa que sabe...

- Não disse que sou a única. Apenas sei quando uma pessoa sabe ou não sabe a resposta, conhece ou não a estrada.

- Pois é, dá na mesma. Me diga então qual é a resposta.

- Quem dá a resposta certa é porque sabe. Quando você der a resposta é porque sabe. Se eu responder para você não adianta nada. Quando uma pessoa conhece a resposta ela não se preocupa mais com a pergunta. Você ainda está muito apegado à pergunta.

- Não, desculpe, não é bem assim. Foi você quem fez a pergunta. Eu vim aqui para saltar meu último obstáculo e não sabia que o obstáculo iria se assim tão intelectual, filosófico. Nunca me preocupei em saber o que era uma estrada aberta e clara e cheia de sol. Sempre soube o que é essa estrada. Meu problema era como chegar a essa estrada, certo?

- E como se pode procurar uma coisa que não se sabe o que é?

- Mas eu sei o que é e já disse.

- Mas errou. Você nunca encontrará o que está procurando se não sabe exatamente o que procura.

- O que devo fazer então?

- Responda minha pergunta de maneira correta. Só isso. Saber o que é uma estrada aberta e livre e cheia de sol. Preste atenção: quando você souber a resposta, você já estará andando nessa estrada. E descobrirá contente que sempre esteve nela. Mas o tempo está passando. Acho bom tentar uma outra resposta em vez de ficar discutindo o valor da pergunta.

E assim o tempo foi passando e nosso herói dizendo tudo que sabia e não sabia sobre a tal estrada. Passaram-se mais de duas horas e agora só faltam alguns minutos, três para ser exato. As respostas foram sempre diferentes conceitos, diferentes definições da mesma idéia central do que era uma estrada aberta e livre e cheia de sol e um futuro risonho, fácil, seguro, feliz e sem nenhum problema ou obstáculo ou preocupação, etc.

- Como é, quer desistir? Seu tempo vai se esgotar daqui a pouquinho.

Nosso herói já totalmente envolvido pelo jogo. Bastante nervoso. Inseguro. Agarrava-se cada vez mais em definições. Chegou a pedir que a moça mudasse a pergunta ou fizesse uma outra sobre um outro problema, nem que fosse mais difícil. Mas a pergunta continuava a mesma.

A velha acabava de entrar na sala e seus olhos pareciam maiores, seu silêncio mais ameaçador. Uma presença imóvel e calada.

Seu rosto branco era uma sombra pesada, uma ameaça passiva que nosso herói sentia chegar até o miolo dos seus ossos.

- Veja bem, o seu tempo vai se esgotar dentro de alguns segundos. E você só tem três alternativas: fugir daqui e viver o resto da vida sem nunca mais ter a chance de ganhar a estrada que é sua única razão de existir. Ou responder de maneira correta à minha pergunta. Ou ser devorado pela velha...

Então, quando a velha já começava a me devorar, encontrei a resposta correta e gritei: uma estrada aberta e livre e cheia de sol à minha frente, é uma estrada aberta e livre e cheia de sol à minha frente.

- Ótimo. Você finalmente acertou a resposta. Parabéns.
- E agora?
- Agora a vida continua. O que está esperando?
- Mas...

CUIDADO COM O ROXO

Foi a única vez que ele viu um pássaro de asas roxas descer sobre uma flor vermelha. Era uma tarde quieta.

O homem que estava por ali ficou muito triste porque as asas do pássaro eram roxas. O roxo é triste, pensou. Esse pássaro é triste. E então, se identificou com a tristeza roxa do pássaro. O pássaro roxo, o roxo é triste, o homem entristeceu, a tarde entristeceu, a vida ficou triste, o mundo sempre foi triste, a tristeza não tem fim e tudo era tristeza e o homem baixou os olhos e o homem viu que suas mãos começavam a ficar roxas, suas roupas já estavam roxas. Mas quando os olhos do homem sentiram que eles olhos também se tingiam de roxo, uma cova abriu-se a seus pés muito roxos. Foi quando um vento roxo empurrou o homem roxo para dentro da cova, que uma terra roxa cobriu.

Tempos depois uma flor roxa nasceu dessa terra. E logo um pássaro amarelo desceu cantando do sol para beijar a flor roxa.

A DESGRAÇA DE DONA CARMEM

Aquele programa de televisão era o líder de audiência.

Todas as terças-feiras às nove da noite, setenta e cinco por cento dos televisores estavam ligados para “Não Desperdice sua Desgraça”.

Mas hoje é um dia especial. Hoje a audiência é total e minutos antes do programa, uma câmera colocada no Palácio do Governador do Estado mostrou sua família inteira sentada diante do vídeo aguardando ansiosa a hora em que Dona Carmem contasse sua desgraça. Há três meses, todas as terças-feiras, Dona Carmem punha em jogo o seu título de mulher mais desgraçada do país. Porque o regulamento do concurso dizia: o candidato, ou candidata, que vencesse na primeira semana, voltaria na próxima para confrontar sua desgraça com a dos novos candidatos e assim sucessivamente até que alguém conseguisse vencer por doze vezes seguidas. Hoje é a finalíssima. Ela está invicta há onze programas.

Dona Carmem esticou com o programa e venceu a primeira vez. Contra quatro outros candidatos previamente selecionados. Logo que contou suas desgraças, foi aquele sucesso. O produtor do programa ficou surpreso. Quando no dia anterior ouviu a filha do candidato. Dona Carmem foi a última a ser escolhida, somente porque precisava de elementos. Mas ao começar a contar suas dores diante do auditório, parecia outra pessoa. As palavras saíram unidas, a voz tremia, de vez em quando interrompia a narração para ficar longo tempo afogada na própria respiração, as mãos fechavam-se de encontro aos olhos, as frases patéticas como: “para meu filhinho não morrer de fome” ela dizia bem baixinho, engolindo lágrimas, pontuando com soluços. Um sucesso!

Um sucesso nacional atingindo todas as classes sócio-econômicas, Dona Carmem virou ídolo coletivo, uma fábrica de bebidas lançou a água-ardente “Dona Carmem” (beba para esquecer as dores da vida), todas as terças-feiras seu nome era manchete nos jornais, psicólogos e sociólogos publicavam artigos, escreviam teses

analisando o poder catalisador da desgraça, explicando a necessidade de identificações negativas ou a função social do bode expiatório. O prefeito inaugurou uma centena de casas operárias e deu o nome de “Conjunto Residencial Dona Carmem”, e o Governador agora mesmo, quando entrevistado dentro de sua própria residência enquanto espera o início de “Não desperdice sua Desgraça”, demorou respondendo uma pergunta: “Não. A bem da verdade devo esclarecer que não partiu apenas de mim a idéia de convidar Dona Carmem para concorrer em nossa legenda, nas próximas eleições parciais para a Câmara. A idéia, a santa idéia, nasceu numa reunião de cúpula do Partido. Foi uma inspiração de equipe.”

Pois é. Com tudo isso, Dona Carmem perdeu as liberdades do anonimato e suas saídas à rua eram aqueles conhecidos rituais de canibalismo que acontecem com os super-ídolos da sociedade de consumo, aqueles exaltados linchamentos de amor e ela andava sempre escoltada por policiais, mas sentia um gozo abafado em ver e sentir os olhares que queriam devorá-la. Dona Carmem não perdia oportunidade de ser acariciada pelo desejo do público. Quanto maior era a cara de piedade que lhe faziam, quanto mais fundo sem prazer, chegava a se arrepiar inteirinha quando via um par de olhos chorando com pena de dela. Dona Carmem tinha o maior orgulho de seus sofrimentos.

Suas desgraças que estavam organizadas, aceitas, faziam parte de sua vida e tinha com elas uma doce infinidade. Com o tempo, aquelas desgraças eram dela, mas mais no sentido de uma propriedade, como a gente ter coisas boas ou ruins, bonitas ou feias, coisas, coisas exteriores a ela, como se fossem objetos seus. Dona Carmem adorava suas desgraças, e suas desgraças eram enormes. Aos quinze anos fora deflorada pelo tio. Expulsa de casa, andou penando de emprego em emprego, os mais humildes, para poder sustentar o filho. (Estou apenas fazendo um resumo, pois não sei contar com os ricos detalhes, nem com a alta emoção de Dona Carmem, desculpem...). Era sempre despedida e entre um emprego e outro, seu

pobre filhinho quase morria de fome. Não tendo outra saída, ela foi levada a prostituição, mas não por imoralidade, note-se bem, e sim como supremo amor ao dever materno. Os anos foram passando e ela sempre prostituta. Ah, ia esquecendo de um dado básico: o filho de Dona Carmem nascera surdo. E como nenhum hospital gratuito conseguiu curar sua surdez, ela começou a produzir mais dinheiro com o objetivo de pagar o maior cirurgião do país para operá-lo. Dona Carmem só conseguiu isso quando o filho já estava com vinte e dois anos. Antes não tivesse conseguido. O rapaz então passou a ouvir rumores sobre o procedimento de sua mãe. Isso o deixou chocado e ofendido. Não conseguiu compreender as razões e mais nervoso ainda ficou com o fato de Dona Carmem não querer confessar sua vida de pecados. Pecadora e mentirosa. Era a imagem que formou da mãe. Aí ele resolveu entrar para a polícia. E só teve sossego no dia em que, após localizar o endereço de sua progenitora, mandou que fossem prendê-la. Mas como a vida é como é, e não como a gente quer que seja (esta frase é de Dona Carmem), uma semana depois o filho policial foi encontrado morto com uma faca no peito. E por ironia do destino seu corpo estava completamente nu, deitado na cama de uma prostituta. Diante disso, o chefe da polícia mandou soltar Dona Carmem que foi correndo ao local da tragédia, suas lágrimas de mãe misturaram-se ao sangue que molhava o peito do filho. E seu desespero foi tão profundo que naquela mesma hora jurou abandonar o caminho do pecado. O chefe de polícia comoveu-se com sua dor e prometeu ajudá-la. Arrumou para ela trabalhar como aprendiz de enfermeira num hospital público. (Esse chefe de polícia foi muito aplaudido quando apareceu como convidado de honra em um dos programas). E para encurtar a história, hoje, Dona Carmem é a enfermeira chefe do hospital em que trabalha.

Em síntese, essa é a história das desgraças de Dona Carmem.

Hoje ela irá narrá-la pela última vez para o maior público que nossa televisão já reuniu. Hoje ela irá ganhar a viagem à Europa com

tudo pago, um belo automóvel, uma casa mobiliada, 500 ações de uma sociedade produtora de bebidas, um posto de gasolina, etc., etc.

Dentro de alguns minutos, o país inteiro estará chorando com Dona Carmem. “Disse o apresentador antes da apresentação dos comerciais dos patrocinadores”.

Aí, o grande momento: “Não desperdice sua desgraça” chegava à beira de seu maior impacto emocional. O momento em que o auditório iria descarregar em lágrimas e gritos histéricos toda sua tensão numa catarse gigantesca.

Dona Carmem é uma mulher gorda de uns quarenta e cinco anos, tem olhos muito grandes, seu busto é enorme dentro d vestido negro, o andar lento e solene, a cabeça bonita de rosto sereno inclinada para um lado, os lábios grossos, sensuais.

Todas as terças-feiras, Dona Carmem entra assim no palco e à medida que suas palavras vão aquecendo as emoções próprias e do público, seus olhos começam a encher de água, suas carnes parecem amolecer, os lábios tremem, seu corpo treme e tudo, cada frase, cada gesto, cada suspiro, tudo são cargas para o crescendo emocional...

Todas as terças-feiras menos esta. Hoje Dona Carmem entrou diferente no palco. Seu andar é pesado e nervoso, chegou insegura e tropeçou num fio de microfone, quase caindo. Houve um início de risadas num dos cantos do auditório. Os olhos de Dona Carmem estavam secos, mas brilhantes, de um brilho feroz, sua cabeça reta, os braços cruzados com energia e não perdidos em desconsolo como nos dias anteriores. Dona Carmem era uma outra mulher. Todos notaram isso. O produtor, inclusive, deu sinal às câmeras para que não fizessem, por enquanto, nenhum close dela, para evitar que os telespectadores sentissem muito o seco de seus olhos, sua expressão dura e firme. Dona Carmem estava realmente há dez minutos atrás, quando descera do carro e a polícia abriu uma ala entre a multidão e ela desfilou timidamente gozando os olhares de piedosa admiração como um cristo à caminho do Calvário, de repente, do meio daquele

povo, uma voz bem clara de mulher gritou assim: “Pobre senhora. E ainda por cima é gorda...”

Gorda?! Ela, gorda? Para aquilo não estava preparada. Gorda! Não sabia lidar com aquele tipo de verdade. Ficou pálida, suas pernas amoleceram, um dos guardas praticamente carregou-a para dentro da emissora de televisão. Aos poucos o sangue voltou a circular normalmente e Dona Carmem viu o contra-regra fazer sinal para que se dirigisse ao palco, no momento em que seus dentes cerraram-se de ódio!

Entrou no palco e foi um fracasso total. Até o fim da narração não conseguiu transmitir nenhuma emoção, seus olhos famosos não conseguiram chorar. E Dona Carmem perdeu para um jovem que contou sua desgraça, uma desgraça sem nenhum valor, medíocre, dessas que qualquer um pode ostentar...

O PRÍNCIPE

Não, ele não chegou numa noite de chuva escura com sua capa negra, claro que não.

Ele, que era o Príncipe da noite, chegou na primavera mais bela dos últimos dez anos. Era de manhã quando chegou junto com o novo sol, com o leite fresquinho, o pão cheiroso e as flores com gotas de orvalho.

Ela, que começava a ser mulher, sonhava com a vinda dele. Desde os primeiros dias da primavera quase não saía da janela do seu quarto olhando para o além do infinito. Mas não conseguia saber porque aquele medo gostoso de que um dia ele chegaria. “E se mudasse para a casa de sua avó?” Todas as noites tinha uma vontade louca de fugir para a casa da avó na cidade. Lá ele não iria. Sua avó sempre contava histórias terríveis sobre um belo e sedutor Príncipe da morte e de como sabia barrar sua entrada. Dentro de um velho baú no porão havia uma máscara de serpente, uma cabeça horrível de cobra que a vovó dizia ter usado muitas vezes no rosto para espantar o Príncipe da morte.

Mas ela não conseguia ir para a casa da avó. “Minha doce netinha, cuidado com os jovens que fazem seu coração bater mais depressa. É o sinal do Príncipe da morte. Se seu coraçãozinho não bater apressado, não tenha medo”. Mas ela não conseguia ir para a casa da avó, seus pés pareciam pregados no chão frente à janela. “Pelo menos, evite perguntar o nome dele, se contiver sua curiosidade...” Mas se seu coração estiver batendo depressa? Isso prova que está diante dele... Querida, só há duas forças contra ele: uma é a máscara da serpente, trinta por cento segura, a outra força, noventa por cento segura, é não perguntar o nome dele. E numa bela manhã cedinho ela acordou com as batidas muito apressadas do próprio coração. Correu para a janela: Vindo do bosque, surgindo branco dentro da névoa branca um jovem magro e belo vinha para o parque com passos lentos

quase não tocando o chão, sentiu um perfume quente dentro de seu corpo e suas pernas correram para o parque.

- É você, é você, me diga, é você?
- Não me faça essa pergunta!
- Quem é....
- Não, não pergunte!
- Quem é você? Quem é você?!!!!

Está sempre dizendo que a morte não existe e queixa-se de uma insistente dor de cabeça que explica ser por causa da estupidez e diabólica ambigüidade de sua mulher que se diverte doentamente em deixá-lo irritado.

Ele fala com um entusiasmo de fanático religioso que, enquanto há vida, é lógico, evidente, indiscutível, não há lugar para a morte acontecer. E quando pergunto pelo tataravô dele, se ainda está vivo, fica furioso, bate a palma da mão com força na própria testa e me pede com ódio nos olhos que eu me esforce pelo menos um pouco para ser inteligente, pense, pense, pense! não mude de assunto, não fique aí com a mente dançando na minha frente, pense, pense, use a cabeça pelo amor de Deus! veja, preste atenção, vai dizendo, agora com mais calma, veja, meu tataravô não tem nada a ver com o assunto, ele não sou eu, entende? Fez uma pausa, conseguiu com dificuldade acender um cigarro e depois de me pedir pelo amor de Deus que não o interrompesse com perguntas fora do assunto, garantia que a vida é como a luz. Só existe luz. Sombra é ausência de luz, entende? A morte por isso não existe na realidade. A morte é simplesmente estúpida sombra, uma ausência de vida. A morte é apenas uma sombra passageira, uma nuvem que passa sob o sol. O mal também não existe, apenas ausência do bem.

Eu não queria que ele ficasse novamente irritado e por isso usei a técnica de discordar concordando: É, nesse sentido, você irá mesmo viver eternamente como o sol pois as nuvens passam e o sol continua...

Exatamente, responde com a confiança tensa dos que têm medo de duvidar, exatamente! Mas aí eu não resisti e mesmo contra minha vontade de ser bondoso com ele, levantei a hipótese de que talvez o sol embora viva muito mais tempo que um ser humano, talvez um dia chegue o dia dele: E aí aconteceu uma coisa estranha. Eu tinha certeza de que ia ficar furioso. Não ficou. Deu uma gargalhada vitoriosa e

depois de me chamar de ignorante e curto de conhecimento científico, explicou com detalhes nada científicos e muito menos filosóficos que o sol não é a luz. Luz é luz. Sol é sol. A luz é que contém o sol e não o contrário. O sol acaba sim um dia, mas a luz continua para sempre. E chegará um tempo em que todo o Cosmos será uma luz única e imensa sem a mais infinita sujeira de sombra. Foi assim no princípio, pois no princípio era a luz total e eterna e absoluta. E será assim no futuro quando todas as sombras, as grandes como a estupidez dos estúpidos e a cegueira dos ignorantes e impuros, e também as pequenas como os medos dos medrosos, quando todas as sombras grandes, pequenas, distantes ou próximas, internas ou externas, quando a sombra for reduzida à sua condição realmente ilusória de apenas uma nobre e frágil ausência de luz, como sabia o sábio Aristóteles.

- Mas, se existir no futuro uma só luz imensa, única, cósmica, monolítica, como é que fica você?

- Fico luz, ora!

- Luz particular entre outras luzes também particulares?

Novamente aí ele me surpreende dizendo que o ar mais tranqüilo que ainda não tinha pensado nisso. Levanta-se, começa a andar pela sala com passos seguros e amplos, a cabeça erguida, o peito estufado e com aquela vitalidade de quem acaba de derrotar glorioso o mais terrível dos dragões, dá uma nova gargalhada agora mais descontraída e vai dizendo que aquilo de ser uma luz geral, todo mundo fundindo-se numa única luz indistinta e eterna, de fato não era coisa assim tão maravilhosa. Claro que era muito melhor que saber da existência incômoda e pegajosa das malditas sombras, mas ainda não era bem isso a felicidade suprema: É isso, você, você de quem nunca esperei um pensamento com alguma iluminação, justamente você é que me dá agora a chave de ouro para a verdade final. Puxa, que maravilha! É isso mesmo, eu sou luz, minha próxima mulher é luz, meu cachorro Napoleão é luz, meu partido político é luz, minha marca de cigarro é luz, meu país é luz, Deus é luz e seremos sempre, eternamente luz para todo o sempre...

- E eu?
- Você? Bem, desculpe mas eu não quero ofendê-lo...
- Eu sou sombra?
- Bem... é seu destino ser sombra e desaparecer no contato com a força purificadora da minha luz. É assim! Sinto muito.

OS OUTROS

Não, acho que não fui claro. O que quero dizer é que os outros interferem muito mais em nossas alegrias e tristezas do que afirmam os subjetivistas radicais. Ouça o que aconteceu, em apenas dois dias, com conhecidos meus e que vou chamá-los por motivos óbvios, de X e Y:

X levantou-se às sete horas, escovou os dentes, fez a barba, tomou banho, café da manhã, leu jornal, beijou a mulher e saiu. Condução escritório. Voltou ao meio-dia para almoçar. Beijou a mulher, almoçou, brincou com o filho ou com o cachorro e saiu. Condução escritório. Voltou às sete horas para jantar. Beijou a mulher, jantou e saiu para encontrar um amigo. Condução bar. Quando o amigo chegou concluía seu pensamento com esta frase: que vida besta que eu levo será que vale a pena viver?

Y levantou-se às sete horas, escovou os dentes, fez a barba, tomou banho, café da manhã, leu o jornal, beijou a mulher e saiu. Condução escritório. Voltou ao meio-dia para almoçar. Beijou a mulher, almoçou, brincou com o filho ou com o cachorro e saiu. Condução escritório. Voltou às sete horas para jantar. Beijou a mulher, jantou, e saiu para encontrar um amigo. Condução bar. Quando o amigo chegou concluía seu pensamento com esta frase: que vida maravilhosa a minha, não há nada melhor no mundo do que viver.

X – Como vai você Y?

Y – Maravilhosamente bem. Sou o homem mais feliz do mundo.

E os dois conversaram e beberam durante horas. X queixou-se da vida e Y a exaltou.

No dia seguinte ambos cumpriram o mesmo ritual do dia anterior. À noite X estava no bar todo contente da vida e Y chegou mal-humorado.

Y – Não entendo como é que pode haver gente que gosta de viver. Me responda sinceramente, você acha que a vida tem algum sentido?

X, no dia em que estava descontente da vida, tinha sido mordido em seu prestígio. No escritório o chefe lhe tirou um serviço dando-o a outro “decididamente você não serve para isso, já te dei todas as oportunidades. De hoje em diante você ficará fazendo trabalhos menores e observando seu colega para ver se aprende”. Foi o suficiente para que X passasse a ver a vida com pessimismo, é compreensível. Mas, no dia seguinte, o chefe do chefe do X que estava viajando, voltou e fez justiça. “que negócio é esse de tirar o trabalho de X? O que ele estava fazendo é da maior importância. X é o único dentro desse escritório que tem visão de conjunto. Os pequenos erros que cometeu são detalhes irrisórios e além disso é necessário uma pessoa de confiança nesta função e X é de minha inteira confiança.” E foi nesse segundo dia que X chegou otimista ao bar. Y, por sua vez, tinha também seu motivo para estar felicíssimo no primeiro dia. Conheceu uma jovem que chegou a assustá-lo de tão bonita que era. Isso foi exatamente na tarde daquele dia que chegou contente ao bar para encontrar o amigo. Tinha saído do escritório e na fila do ônibus ela lhe perguntou as horas. Ficaram conversando. Acabaram descobrindo no momento dos sobrenomes que os dois haviam nascido na mesma cidade do interior. Ela viera para a capital ainda menina, mas em algumas férias voltava para visitar os parentes. Ele não. Viera com seis meses e só sabia da cidadezinha através das histórias que ouvia em casa. Não havia afinidade melhor para sugerir um novo encontro. Que foi marcado para o dia seguinte na mesma fila de ônibus. Mas como ela havia informado também o endereço do lugar onde trabalhava, ele, por segurança, foi esperá-la à porta do prédio. Quando chegou, a moça estava assustando outro com sua beleza: acabara de entrar em um carro esporte. Na noite desse dia, Y encontrou-se com X no bar e disse aquele pensamento de não entender como é que existem pessoas que conseguem viver até os oitenta anos.

Mais um dia se passou: café da manhã, condução, trabalho, almoço, etc. À noite não se encontraram no bar. Se eles fossem ao bar todas as noites as esposas começariam a criar caso, é lógico. Mas X, que no dia anterior estava alegre porque o chefe do chefe reconheceu seu valor, encontrava-se terrivelmente contrariado, chutando o cachorro, respondendo seco à mulher e não achando a menor graça nas gracinhas do filho. O chefe do chefe, seu protetor, havia morrido de um ataque. E Y estava radiante, convidou a esposa para irem jantar fora, beberam vinho estrangeiro até. É que a moça bonita sua conterrânea lhe havia telefonado, desculpando-se pelo desencontro e marcando novo encontro para o dia seguinte. E disse mais. “Sonhei com você esta noite sabe? Você tem qualquer coisa que me agrada, não sei bem o que é. Os homens são todos iguais, mas você, não sei se é a sua voz...”

MEU PRIMEIRO LEOPARDO

Olhei firme nos olhos do leopardo. O leopardo olhou firme nos meus olhos.

Era um belo leopardo numa tarde quieta de outono. Seu corpo nervoso, sua imobilidade contida, o brilho de aço nos olhos de mel.

E logo sua pele pareceu macia e quente como o melhor abraço.

Oh, quanta coisa linda entendi no meu primeiro leopardo.

Quantas verdades aprendi sobre ele.

Aprendi que seu “spetacular coat”, por exemplo, tem profunda razão de ser. Não é beleza pura sua pele pintada, não é arte ela arte, nem esteticismo vão. Sua pele pintada é função, é proteção, é sua defesa primeira.

Sua pele pintada é camuflagem. Como já disse um “british” poeta-caçador em terras de África. “The coat looks like dappled sun and shadow”.

De fato, se o leopardo sobe a um galho de árvore e ali fica silencioso entre as folhas, o leopardo é invisível.

Oh, quanta coisa definitiva aprendi em meu primeiro leopardo:

Nenhuma pergunta lhe fiz. Mas seus olhos falavam nos meus olhos. Contavam informações valiosíssimas. Contavam que o tigre é de maior porte e de bravura indômita. Mas o tigre não tem sua destreza, sua agilidade mágica e não sabe alçar às arvores.

O tigre, continuava meu leopardo com os olhos nos seus olhos, o tigre é um animal de charme plebeu, de imagem desgastada pela “mass communication”.

O leopardo é nome de alto poeta italiano, de nobreza italiana.

O tigre é uma palavra áspera que sai por entre os dentes cerrados. O leopardo é uma palavra sonora que canta no céu da boca.

E sua pele aveludada é a mais cara entre os felinos.

Tudo isso os olhos do leopardo iam contando nos meus olhos.

Mas de repente a conversa começou a tomar rumo menos lírico e as informações novas foram deixando meu coração inquieto. Para logo mais um estranho tremor visitar minhas pernas.

O leopardo falava agora de um esporte mais querido e de seu prato mais delicado, que é antílope-a-caçador.

Falava do desconforto dos pastores de ovelhas que nada podiam contra ela. E sobretudo falava, não sei se com orgulho ou com angústia, que era um esbanjador, que sempre caçava muito mais do que podia comer.

Mas quando esse meu selvagem primeiro leopardo, com um brilho de lua nos olhos de mel e um rictus estranho no canto dos lábios, me comunicou em inglês (não sei porque em inglês). “My appetite in enormous!” quando isso houve, aí senti que precisava agir. Com a maior urgência e coragem.

Minha mão direita estava a cinco centímetros do cabo do revólver em minha cintura. Mas qualquer movimento poderia ser fatal. Qualquer indecisão também.

A respiração presa, meus olhos continuavam firmes nos olhos do leopardo, onde eu procurava ler com avidez as mais sutis mudanças de tom na sua agressividade.

O homem e a fera. Frente a frente. A vida e a morte em nossos olhos.

No ar, um silêncio espesso de eternidade.

Súbito: uma impossível voz de criança chamando por mim com insistência infantil. Primeiro muito longe, quase imperceptível. Depois, se aproximando, cada vez mais próxima era a voz da criança que então ouvi nitidamente chamando:

Papai, papai, papaaaaaiiiii!

Sim, era a voz do meu filho chamando por mim.

Minha garganta estava fechada. Meus olhos nos olhos da fera. Uma distração, um leve movimento, uma respiração mais funda e pronto. Mas o leopardo não parecia ouvir a voz de meu filho. Apesar disso, esbocei um pssiu muito baixinho.

De repente, vejo meu filho diante de mim reclamando:

- Ah, papai. O senhor pegou outra vez o meu livro de animais da selva: Fiquei como um louco procurando pra todo lado. Puxa vida, papai! Eu já falei, por que você não lê “As Neves de Kilimanjaro”?

TRABALHO ESCRAVO

- Você trabalhava seis dias e no sétimo descansou, não é?
- Bem...
- Pois é, são essas coisinhas que me fazem duvidar da sua... vamos dizer, da sua inteligência.
- Inteligência!? Puxa, sabe, essa tal de inteligência a que você parece atribuir imensa importância nem chega a figurar entre meus principais atributos. Inteligência. Inteligência. E você, você se considera um homem inteligente?
- Quem, eu?
- Não, o Zé Bedeu! Ora, claro que é com você que estou falando, tem mais alguém aqui?
- Não.
- Então...
- Você quer saber se me considero um homem inteligente...
- Ah, ouviu hein!
- Está bem, não sou burro, disso tenho certeza. Trabalhar seis dias, veja bem, seis longos dias e só descansar um dia é algo meio desproporcional, não acha?
- Desproporcional?
- Claro.
- Depende do ponto de vista. Tudo o que se afirma ou que se nega depende sempre do ponto de vista.
- Tudo?
- Por que não?
- A morte é também uma questão de ponto de vista?
- E não é?
- Em que sentido?
- No sentido que se quiser dar a ela.
- E você acha que se pode dar à morte outro sentido senão o de fim, de nada...
- Desculpe, mas não tenho nenhuma opinião sobre a morte...

- Não tem?
- Não, não tenho. Só os mortais se preocupam com a morte.
- É, de fato. Nisso você está certo. Mas então, os imortais com que é que se preocupam?
- Os imortais se preocupam com a não-morte.
- Com que?
- Com o não morrer.
- É, você gosta mesmo de brincar com coisa séria. Isso é sadismo ou sabedoria?
- Decida você.
- Sabe, você já mudou de assunto mais de uma vez...
- As coisinhas que fazem você duvidar da minha inteligência...
- É, isso, exatamente. Até já tinha me esquecido, você tonteia a gente...
- Ou é você que se tonteia sozinho?
- Não, ah, não, desta vez você não me pega não. Veja, um homem que trabalha seis dias e só descansa um, é no mínimo um escravo, você não acha?
- Continue...
- Penso mesmo que foi você, com seu péssimo exemplo que inaugurou o comportamento escravo.
- Eu!?
- Claro. Você tem carisma, tem um tremendo prestígio, todo mundo acha que a coisa mais sábia que existe é imitar o maior de todos.
- O maior de todos! E esse sou eu?
- E não é?
- Não sei, foi você que disse. Não ponha palavras em minha boca...
- Pôr palavras em sua boca? Que piada! Como se você fosse o mais silencioso que já houve, o caladão... Ah, essa é demais! Brincadeira tem hora. Daqui a pouco vai dizer também que aquelas pedras escritas que o outro recebeu no alto da montanha não foram

dadas por você. E nem todo aquele palavrório moralista do famoso livro também não saiu de você?

- Não confirmo, nem desminto.

- Genial! Genial! Agora virou político... só te faltava essa...

- O que há de mal com a política?

- Ah, quer me confundir outra vez, não é? Mas não vai conseguir. Agora estou atento.

- Está?

- Estou sim.

- Então está. Mas, explique melhor o seu raciocínio. Você dizia que quem trabalha seis dias e só descansa um dia é no mínimo um escravo...

- E não é?

- Continue.

- Pois é. Veja os animais. Eles equilibram muito bem o trabalho e o descanso. E sabe por quê?

- Não, me diga.

- É simples. Os animais não têm chefe.

- Mas se o chefe manda alguém trabalhar mais do que descansar...

- Mais não, bem mais, são seis dias contra apenas um dia...

- Está bem. Se o chefe manda alguém trabalhar bem mais do que descansar, esse alguém obedece?

- Claro.

- E se não obedecer?

- Está brincando, não é? O inventor da escravidão não sabe que a gente trabalha contra a vontade, trabalha com medo de punições...

- Amassar o pão com o suor do próprio rosto. Isto é escravidão? O contrário disso não é cafetinagem?

- O que?

- Você ouviu.

- Bom, vou continuar. Você continua querendo me confundir. Depois a gente fala sobre essa história do pão.

- Continue.
- O pão... quer dizer, o trabalho, o trabalho escravo nasceu porque nasceu antes a fome...
- Mas se não houvesse a fome, não haveria vida. Acho mesmo que a fome, o desejo, talvez seja uma das criações mais brilhantes e sábias...
- Fome não, vamos dizer em vez de fome, vamos dizer voracidade, certo?
- Você que sabe. O raciocínio é seu.
- Está bem. É a voracidade que nos faz trabalhar seis dias e descansar apenas um.
- Mas e se fosse o contrário?
- Como o contrário?
- E se você trabalhasse um só dia e descansasse seis dias?
- ?
- Não seria também uma forma de voracidade. De voracidade de descanso?
- Ah, agora entendi. Sabe, nunca havia pensado nisso...
- Acho que você ainda não pensou em muitas coisas...
- É possível. É, sabe que você está certo!
- Não diga!
- É, nisso você está certíssimo. Gozado, todo mundo sempre sonhou e desejou trabalhar um só dia por semana ou nem tanto e descansar o resto. Mas agora você me ensinou uma grande verdade. Isso também é voracidade, é desequilíbrio. E deve ser por isso que os desocupados, os que não fazem nada sofrem tanto ou criam tantos problemas para si mesmos e para os outros...
- Você vê, não sou assim tão sem inteligência como você imagina. Ou sou?
- Deixa isso para lá. Não vamos discutir personalidades, que sem querer a gente começa a dizer o que realmente pensa e lá se vai a amizade, pelo menos foi o que meu pai me ensinou.
- Seu pai?

- Sim, meu pai e ele sabia das coisas.
- Que bom, e você?
- Eu, o que?
- Você também sabe das coisas? Ou é só seu pai que sabe?
- Ah, ah, pode desistir, não vai me pegar não... Onde eu estava mesmo?

- Estava me dizendo o que está tentando me dizer há um tempo enorme...

- Mas o que era mesmo?
- Você estava e acho que ainda está tentando me provar que eu e não sei o que mais que somos responsáveis pelo trabalho escravo, etc.

- Ah, é isso. Sua memória é ótima, está sempre atento, não é?
- Minha memória e atenção são normais. A sua concentração é que me parece quase inexistente.

- Está bem, está bem, pode me criticar à vontade. Eu dispenso aqui e ali, perco o fio da meada, me confundo às vezes, dou mais voltas do que o necessário, canso demais os neurônios, às vezes fico até com dor de cabeça, mas...

- Perde as batalhas, mas ganha a guerra, não é?
- Exatamente. Disse muito bem. É isso aí. Eu até hoje nunca...
- Já vai novamente se perder?
- Certo. Mas então...
- O trabalho escravo...
- Isso. O trabalho escravo existe porque você e as demais autoridades que nunca pararam de nascer no mundo sempre acharam mais importante...

- Trabalhar do que descansar?
- Não, não é isso. Isso já foi corrigido. Acharam e continuaram achando que os outros têm o dever de fazer trabalho escravo. Mas veja: um homem, sei lá porque, nasce e cresce com um tipo especial de apetite devorador. Mas em vez de procurar atingir um certo equilíbrio, em vez de manejar seu apetite patológico, envolve os outros na sua ganância. Inventam mandamentos que diz serem sagrados

e em nome desses mandamentos faz todo mundo trabalhar seis dias e descansar apenas um dia.

- E, como parece ter ficado claro no início de nossa conversa, o primeiro voraz que existiu foi exatamente...

- E não foi?

- Mas assim você me ofende...

- Ofensa. Ah, ah, essa é boa! Sempre me explicaram que você está muito acima dessas coisinhas... Está ofendidinho, está?

- Estou sim. Mas sei lidar com a ofensa. Não se ofender não é o ponto importante. Saber lidar com a ofensa, isso sim exige certa...

- Sabedoria?

- Isso. É um ótimo termo. Quem tem alguma sabedoria nunca tem a falsa modéstia de dizer que não tem. Quem não tem nenhuma é que costuma ter um medo doido dessa palavra.

- Bem, então me diga uma coisa: foi ou não foi você o primeiro voraz autoritário de todos os tempos?

- Está bom. Já que você usou a abordagem direta, também vou responder assim: você tem alguma prova concreta de que eu realmente existo?

- Bem...

- Pois é, se você nem sabe direito se eu existo ou não, como diabo pode atribuir a mim um pecado tão grave?

- ?

- Veja bem. Será que não foi você ou outro como você que não só me inventou como também me fez culpado da exploração do homem pelo homem?

- Culpado? Não, não, não. Isso nunca. O que quis dizer foi apenas criticar o seu mau exemplo...

- Ou o meu exemplo que atribuem a mim?

- Mas espere um pouco... Por acaso você pensa que todos nós atribuímos a você essa falta? Nada disso. Sou só eu e apenas eu que penso assim. Pode ficar tranquilo. O pessoal todo sempre acredita totalmente em você. Claro, você tem carisma, tem fama, e não é para

menos: nós mal conseguimos fazer algumas coisinhas durante setenta ou oitenta anos de vida, enquanto você em apenas seis dias, se não me engano, fez o cosmos inteirinho e olhe que é um cosmos bem sofisticado! Claro, quem de nós não iria idolatrá-lo? Idolatramos gente que... bem, você sabe, não é? Você é um deus para nós, sabia disso?

- Muita bondade sua...

- E se você é um deus, como poderia ser você o inventor da escravidão? Você...

- Desculpe, mas eu tenho um compromisso e meu tempo não é tão elástico como se imagina e talvez nem tão eterno, desculpe, mas já vou indo... Só uma coisa: dizem que fui eu também que criei os animais, não é?

- Certo.

- E porque entre os animais não existe esse negócio de trabalho escravo? Não, não se sinta culpado e nem comece a procurar culpados, isso é doença. Procure descobrir por conta própria porque os animais não inventaram a escravidão. Adeus!

- Aonde fica a fonte da eterna juventude?

- É muito fácil de chegar lá. Preste atenção. O senhor vai reto por aqui até aquela árvore grandona, está vendo a árvore? Isso, aquela mesma, a que está ao lado dos coqueiros. Chegando à árvore, o senhor segue para a esquerda e anda reto uns três quilômetros. Aí vai encontrar uma fonte de água muito fresca à sombra de um tufo de bananeiras.

- É lá?

- Não. Lá o senhor para. Bebe água, descansa. Descansa quanto quiser. O senhor não acha delicioso descansar? Mas não se esqueça que antes de continuar andando, assim que se levantar para seguir caminho, vê se não se esqueça, deve cantar uma canção, qualquer uma, desde que seja uma canção que o senhor goste, que se sinta bem cantando ela...

- Certo, mas dessa fonte sigo para onde?

- Para a fonte da eterna juventude, não é para lá que quer ir?

- Mas por qual caminho?

- Ah, desculpe. Aí o senhor olha para o céu. Veja bem direito onde está o sol e caminha na direção do sol até que o sol se deite para dormir. Faça o mesmo e levante-se quando ele se levantar. Cante uma canção e parta no rumo de um bosque, que verá com felicidade pois é o único bosque que existe por ali. Neste bosque mora um velho sábio. O senhor se dirigirá a ele com muito respeito e fará esta pergunta: “Por favor, qual é o caminho que me conduzirá à fonte da eterna juventude?” Após a resposta do velho sábio, o senhor seguirá no caminho que ele tiver indicado. Mas não se esqueça de antes cantar a canção. Certo? Aí, o senhor...

- Desculpe interromper. Mas é que esta viagem está me parecendo muito longa e...

- Longa? Não sei, realmente não sei se é uma viagem longa ou curta. Para ser sincero, nunca pensei nessa viagem em termos de

tempo ou de espaço. Mas não se preocupe. Quando chegar ao velho sábio do bosque, a viagem tomará um rumo diferente e quase diria que é lá que a viagem irá realmente começar.

- Mas...

- O senhor quer encontrar a eterna fonte da juventude?

- Quero, claro que quero, mas...

- Está com pressa, não é?

- É. Estou com muita urgência de achar essa fonte.

- Mas o senhor me parece tão moço!

- Tenho vinte anos. E quero sempre ter vinte anos. Saí de casa para procurar a fonte da eterna juventude porque eu não conseguiria mais olhar para o corpo inútil do meu avô sempre na cama, não falava, não se mexia, urinava e defecava na cama, aquele corpo descarnado de pele esverdeada, aquela coisa murcha e podre, o senhor não imagina o que é ficar vendo isso durante anos e anos, no fim eu nem passava mais na porta do quarto dele, mas aquela coisa esverdeada, murcha e podre continuava dentro de mim. E meu pai exigia que eu aceitasse a realidade, que aceitasse a existência da velhice. Que a velhice e a morte estão sempre nos esperando. Que alguns escapam da velhice, que nenhum escapa da morte. Que velhice e a morte estão dentro da gente. Aí me falaram do senhor, do homem que sabia o caminho que leva à fonte da eterna juventude. Onde se bebe a água da vida. A água que nos liberta do tempo e do espaço. A água do infinito e da eternidade. Eu tenho medo de ficar velho. Eu tenho medo de morrer.

- Muito bem. Compreendo sua pressa. Pode partir já. Já lhe dei todo o caminho. Ou melhor: todo o caminho que leva ao velho sábio do bosque. Vá. E boa viagem.

- Obrigado. Muito obrigado. Não sei com o lhe agradecer...

- Agradecer? É possível que mais tarde você descubra que não é exatamente à pessoa que nos aponta o caminho aquela a quem devemos agradecer. Agora vá, enquanto você tem pressa. Adeus.

E o jovem partiu. E o jovem seguiu, ora com entusiasmo, ora com desânimo, todas as indicações que lhe dei. Não se esqueceu de

cantar as canções no início de cada nova caminhada, não errou um só caminho e chegou finalmente ao bosque onde mora o velho sábio. Chegou cansado, chegou irritado, chegou com vontade de não dar mais nem um passo. E o velho sábio pediu que ele esperasse um pouco. O velho sábio terminava de plantar uma árvore. Era forte, seus braços e o peito ainda mostravam bons músculos queimados de sol. E falou olhando o pequeno pinheiro, verdinho e reto, que acabava de plantar:

- Um raio caiu outro dia nesta parte do bosque e incendiou uma centena de árvores. Estou plantando tudo de novo.

Era um velho de uns oitenta anos. E continuava falando:

- Foi num dia que eu não estava aqui. Tinha ido participar da festa das fores que todo ano nós fazemos no vale que fica além daquele morro. Quando cheguei...

- Desculpe interromper. Mas eu preciso muito falar com o senhor.

- Eu sei. Vamos então até lá em casa. Lá a gente conversa. E você ficará conhecendo minha mulher.

Foram. E ao entrar na pequena casa de madeira coberta de sapé, o nosso herói foi apresentado a uma jovem belíssima.

Esta é minha mulher. Disse o velho sábio. Minha nova mulher. Estamos juntos desde a última festa das flores.

Aí houve um almoço muito gostoso de frutas e verduras frescas servidas em bandejas de vime.

Depois, o jovem resolveu entrar direto no assunto:

- Agora o senhor poderia me dizer o caminho que leva à fonte da eterna juventude?

- Posso sim, respondeu o velho sábio do bosque. A fonte da juventude fica exatamente no caminho da fonte da juventude eterna!

- Desculpe, mas não entendi.

- Esqueça o tempo e o espaço.

Continue caminhando para sempre. Quem estiver sempre caminhando, estará caminhando sempre para a fonte da eterna

juventude. Mais que isso: Quem não para de caminhar já caminha nas águas dessa fonte. Mas quem estiver parado, parado principalmente em si mesmo, este jamais encontrará a fonte da juventude eterna.

Então nosso jovem herói ficou sem saber o que dizer. Surpreso e decepcionado. Ficou sem saber o que pensar, sem saber o que fazer, sem saber o que dizer. E mesmo que soubesse o que dizer, diria a quem?

O bosque, a pequena casa de madeira, a moça belíssima e o velho sábio haviam desaparecido.

O nosso jovem herói estava só e vazio. Mas à sua frente continuava havendo todo o espaço e o tempo do mundo.

O CAMINHO DO SONHO

Namorada? Não. Tive um caso rápido com ela, nada mais. Há muitos anos e eu era um marinheiro francês que o mar atirou à praia, os bolsos cheios de peixes azuis. Perguntei onde estava, gaivotas continuaram planando leves no ar macio de luz. Mas um velho pescador me tirou do ouro da areia. Na casa dele fritamos os peixes que vieram comigo, em troca contei-lhe histórias na minha língua, ouviu com atenção e piedade, me deu roupa, dinheiro. Conselhos também me deu o bom velho. E saí de lá meio arrependido de haver enganado o pobre velho bom: eu não era marinheiro, nem francês e para ser franco, nunca, mas nunca mesmo, fui jogado a praia nenhuma, tampouco encontrei jamais um velho pescador que me socorreu.

Ah, você quer saber o nome dela, não é? Não sei: Julia ou Jilia, coisa assim ou desassim. E o interessante é que às vezes tenho certeza de ter sofrido um naufrágio, senão essa história do velho pescador e marinheiro francês não viria à minha memória. O quê? Não, eu não. Foi um deputado. Depois é que fui apresentado a ela. Trabalhou com a beleza para o deputado ganhar as eleições. Sei sim mas não vou dizer o nome. Disse que foi ela que quis. Mas me contou diferente. Lhe daria um cartório. Imagine só! Uma passagem para Roma, hotel pago, tudo pago, conta aberta em casa de alta costura, tempo necessário do advogado acertar o desquite e, se o escândalo viesse, adeus eleição e o cartório dela, A boba acreditou. Vamos brincar de sonhar? É assim: cada um pega um papel e escreve tudo o que gostaria de ser e ter. Ganha quem tiver o sonho maior. Eu sempre ganho, você sempre perde. Mas o sonho de um desgraçado deveria ser sempre maior que o de uma pessoa incrustada no broche de ouro social. Ah, Ah, Ah, Ah, Ah. Na França, quando entrei para a marinha mercante Onassis já era Onassis e eu ainda não. Então, um mágico invisível e loiro fez desaparecer minha única perna de vidro, a qual só fui encontrar séculos depois na gaiola de um triste canário belga. Inteirinha, com

sapato e tudo, não é fabuloso? Mas fico irritado e explico: o sonho, seus cavalinhos, é diferente da realidade, coisas diferentes como a água da água. E a realidade foi inventada justamente para nos libertar do sonho? O sonho é do lado de fora da gente e a realidade do lado de dentro, mas o contrário também é certo como é correto o vestir-se de preto ou de branco e assim por diante até que alguém prove o contrário e outro alguém desprove. Exemplo não muito claro, mas perfeito: possuir a fortuna de Aga Khan e não possuí-la. Outro exemplo? Pois não: to be ou não ser. Ah, Ah, Ah... Lembro-me de uma vez haver perdido cinco pontos por escrever que tomava vinho com Homero dando boas gargalhadas de uma piada que o poeta me contara, obscena, puxada a sexo e perversão e sadismo e irreverências contra um semideus muito em moda e despedindo-me dele atravessasse uma rua de Nova York para encontrar Brigitte Bardot nua beijando uma foto de Ezra Pound, estava impaciente me esperando dentro de um helicóptero. Enquanto isso, um tio da artista francesa brincava de programar perguntas absurdas a um computador para ver o aparelho entrar em neurose. Bem, para encurtar a história, fiquem sabendo que no fim eu beijei a rainha da Inglaterra, minutos depois de Sua Majestade sair de um banho de sauna a caminho da lua. Eu estava completamente apaixonado. Perdidamente. E foi então que Camões, para me consolar com o exemplo dele, foi falando solene, Erros meus, má fortuna, amor ardente em minha perdição se conjuraram; Os erros e a fortuna sobejaram, que para mim bastava amor somente. Obrigado, Camões. Pois é, a vida não é assim mas a vida é assim e posso perfeitamente provar que estou enganado pela lógica, sendo que ninguém pode sequer duvidar, não por causa da lógica, mas pelo simples fato de não estar junto comigo aqui dentro de mim. Você que está aí dentro de você sabe disso. É só prestar muita atenção: a mulher tira a roupa, o menino desembulha o brinquedo com os olhos e com as mãos, o menino olha para o brinquedo colorido, eu olho para a mulher nua, o caçador vê sua primeira caca passeando distraída, desprotegida, é só atirar, o homem vai assinar, já pegou a caneta e

você será o dono da casa de seus sonhos, eu quero a mulher, o menino quer o brinquedo, o caçador quer a caça, você quer a casa. Nestes momentos, sonho e realidade são uma coisa só. Se encontram. Mas quando vou caminhando por uma rua, vamos os dois: a realidade no chão e o sonho voando por sobre minha cabeça. Ah, Ah, tenho certeza de que é exatamente o contrário, mesmo porque é o sonho que está sob meu controle, eu é que lhe vou dando rumos, enquanto meu caminhar pela rua é automático, escapa ao meu comando direto e permanente. A realidade é o que está em cima ou o que está embaixo? O marinheiro mata o velho pescador, frita e come sem tirar as escamas e vísceras. E eu chego bem em frente de mim, olho nos meus olhos, me assusto, corro em busca de proteção, Deus me ouve, boceja entediado, escreve palavras em um papel azul, escreve certo, certinho, mas em linhas tortas e o que me adianta ser informado de que tudo é assim desde que o mundo é mundo, se tenho absoluta incerteza de que tudo não é assim ou bem assim? Veja o amor, por exemplo: raciocine sobre o amor ou sobre a morte para ver o que acontece. Quem nasce antes? O ovo ou a galinha? A gente ama porque quer? Nasce porque quer, morre porque quer? Modifique essas coisas com o pensamento lógico. Ou então procure afugentar a angústia e o tédio com a lógica. Experimente também utilizá-lo com o objetivo de ser feliz. Ah, Ah, Ah. O que? Tudo isso que estou falando é bobagem? Mas claro que é, pensa que eu não sei? Sei também que não tem sentido. Só que no sonho isso não acontece. Tudo é lógico no sonho. E o que tem a ver lógica com realidade? Cavalo com arreio? Causa com efeito? Chapéu com cabeça? Meia com pé? Antes com depois? Calço a meia, ponho o chapéu, arreio o cavalo que está morto e saio a galope pela estrada cheia de sol. Está chovendo, mas sei que ela me espera na cabana que fica numa clareira da floresta. Após uma légua decido parar, o cavalo precisa descansar porque está mais morto do que vivo. A chuva já não está mais chovendo. Vem da terra um cheiro forte e gostoso de terra molhada, há um pasto verdinho de capim gordura á minha direita onde malhadas vacas holandesas ruminam tranquilas o verde que comeram

antes da chuva. À minha esquerda, a cerca de arame farpado molhada de sangue. Limitando do sonho a rica propriedade. Desço do cavalo, levo-o até o pasto, tiro-lhe o freio para que paste macio. Atravesso novamente a estrada, pulo a cerca e entro feliz no gramado da propriedade dourada, deito de barriga para o ar e fico olhando os volteios livres dos urubus lá em cima alargando o espaço para virar céu. De repente um cachorro feroz me descobre e suas patas correm para mim transportando os dentes agudos da fera. Levanto, corro mais que ele, pulo a cerca que me arranha a perna, o cachorro fica latindo parado, queria apenas me expulsar do Paraíso. Monto no cavalo e continuo a jornada a caminho do amor, da cabana na clareira da floresta onde me espera a mulher que amo. Possivelmente nua, lábios vermelhos de desejo quente. Cavalo e eu caminhando mais algumas léguas. E uma onça nos ataca. Ah, Ah, Ah, mas estou com minha espingarda e não é preciso detonar mais que um tiro, dada a notável precisão de minha pontaria. Desço novamente do cavalo porque acabo de ter uma idéia genial: tirar a pele da onça e levá-la contente de presente ardente, à minha amada dolente e quente. Tenho faca e o trabalho é feito com grande arte e engenho. Estou outra vez na estrada do amor. Mais alguns quilômetros de sonho e estarei entrando na floresta encantada. Os quilômetros passam sob a barriga do cavalo, já estou em plena floresta e ali, a cem metros, é a cabana onde minha amada me espera deitada, seios arfando, ligeiro tremor nos lábios contando os minutos, frutos vermelhos rachando de maduros, as patas do cavalo sobre as folhas secas, batidas do coração, agora segundos e não minutos que ela conta e eu também, a quente umidade fresca da terra, os troncos eretos e a ramagem densa das árvores. Desço do cavalo e dou alguns passos, abro a porta, cumprimento os colegas e o chefe logo me chama à sala dele para me pedir explicações sobre um velho pescador que andava à minha procura querendo me processar pelo fato de sua filha única e de estimação ter deixado completamente de ser virgem. Levei um susto. Mas de repente, num sobressalto, percebi que eu continuava acordado como sempre.

Guardadas as devidas proporções a Coisa não seria exatamente do tamanho de um carro-esporte vermelho. Muito pelo contrário. Importante: tinha um festivo rabo de penas coloridas e nadava como ninguém em qualquer lugar, mas nunca no mar, por causa do lodo ou do sal, já não me lembro. Não falava, não tinha seios azuis, nem gostava de jazz. Mesmo assim encomendei uma. Inteirinha. Quando chegar vai ser um sucesso, já imaginou eu passeando com ela por aí? Ah, ela não tem olhos redondos, nem nada que se assemelhe a uma polia ou sistema de controle remoto, e muito menos circuito fechado. Mas tem isqueiro, é claro. E dentes belíssimos.

Hoje recebi carta dos fabricantes informando que só podem mandar no fim do mês, dado o grande número de pedidos, estão sem estoque, etc. E eu que já tinha os planos feitos — ir com ela para o litoral e ficar lá quinze dias.

Agora tenho que conseguir do chefe do pessoal um adiamento das férias. Na mesma carta me disseram também que estão fabricando um dispositivo especial para vôo subcutâneo, isso custa um pouco mais, mas vale a pena pois ficará completa e naturalmente muito mais em conta, 20% no mínimo de economia. Acho que vou responder solicitando o dispositivo especial e consultá-los sobre a informação dada por um amigo que esteve nos Estados Unidos e viu um igualzinho, com a vantagem fabulosa de acariciar palavras com menos de quatro sílabas.

Sabe? o chefe do pessoal me concedeu as férias para mais tarde com a condição de eu lhe emprestar a Coisa por um dia e meio. Concordei. Embora não achasse muito justo porque quem me dava férias era a empresa e não ele. Mas não faz mal, eu não tinha mesmo outra saída.

Agora eu vou até a casa de minha tia pedir um dinheiro porque tenho de dar 50% no ato da entrega. Titia é muito rica, muito velha, muito e muito besta porque não gosta de mim. Ontem fui à casa dela

pedir esse tal muito dinheiro. A boba não quis dar. Foi pena. Bem que eu poderia ficar com o dinheiro e ela com a vida. Isso não aconteceu exatamente assim. Mas estou com muito mais que o suficiente para pagar os 50%... Como é bom a gente ter um objetivo certo na vida, uma ambição de verdade, bem forte. Antigamente eu não teria coragem de matar ninguém.

Peguei o dinheiro todo de minha tia, mas não fiquei com tudo. Parte dele, é natural, tive de gastar com advogados e subornos para não ser condenado.

A notícia de que eu estou esperando a Coisa já se espalhou e todo mundo me trata muito bem. Vou daqui a pouco ser apresentado a um big senador que quer me conhecer. Isso fora as festas, presentes, homenagens e ameaças que tenho recebido. Sou um outro homem. O senador foi logo dizendo de sua intenção de também encomendar uma Coisa para ele. Queria saber minha opinião. Pensei um pouco enquanto nadava na piscina da casa dele; desejava o corpo de sua filha. Resolvi tirar a idéia absurda da cabeça do poderoso senador: "Bobagem, Seu senador... é que eu já não posso mais desistir, senão... Custa uma fortuna e, praticamente, não serve para nada, embora seja terrivelmente excitante. E dizem que em dia de chuva verde as vibrações são tão fortes que quem sofre do coração não aguenta três minutos perto ou dentro dela". Então o senador desistiu e eu voltei contente para casa, ainda mais que a filha dele vai comigo para o litoral, ela também está louca pela Coisa... Ora essa, depois de tanto sacrifício vir um cara e comprar uma Coisa igualzinha a minha, essa não! Se alguém mais tiver a Coisa, perde toda a graça, claro. A Coisa tem que ser um mistério...

Outra carta dos fabricantes da Coisa: "... sentimos muito, mas o senhor vai ter de esperar mais um pouco. Houve uma greve dos operários no setor de pintura e acabamento e..." Respondi imediatamente que poderiam mandar a Coisa como estava, que eu aqui, com o auxílio de uma boa oficina e de um psicanalista legal, daria os retoques finais. Mas foi ingenuidade minha: imagina se uma

big indústria na base da astro-física-psicotecnológica poderia entregar um produto antes da fase final de acabamento. Ingenuidade coisa nenhuma. Ontem recebi a Coisa.